

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

DF

L . E . T . R A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 21 a 22

Suplemento Cultural
1995



ADVERTÊNCIA
02 MAR 1995
CÂMARA LEGISLATIVA DO D.F.

é... boi!

: I m a n t e d e T e d e r :

DARCY RIBEIRO

Cidadão do Mundo

O antropólogo Darcy Ribeiro, mineiro de Montes Claros, é desde outubro cidadão de Brasília. Por decisão unânime da Câmara Legislativa, a iniciativa da deputada Lúcia Carvalho (PT-DF) reconhece

publicamente a competência de Darcy, que entre outros méritos incontáveis é um dos fundadores da Universidade de Brasília.

Ser cosmopolita, por tirocínio e vivência, Darcy tem o fôlego da sabedoria de suplantar-se. O reconhecimento da Câmara prova, neste caso, que nem toda unanimidade é burra. Darcy é a própria inteligência refletida no decorrer de uma vida voltada para instigar e meter o dedo na ferida da cultura brasileira. Ser múltiplo e multiplicador, Darcy, cidadão de idéias, sem exagero, é nosso cidadão do mundo.

O *DF-Letras*, suplemento cultural da Câmara, registra o fato com orgulho. Ter o mestre entre nós, cidadãos brasilienses oriundos de outros estados, demonstra o quanto ele, desde os primórdios da capital, fez e tem feito para a consolidação da cultura brasiliense. Os brasileiros gerados aqui, brasilienses de carteirinha, só têm a agradecer. O mundo que o diga.

Nelson Pantoja
Jornalista



NESTA EDIÇÃO

Homenagem/Darcy Ribeiro.....	Pág. 2
Bumba-Meu-Boi.....	Pág. 3
Feira do Livro.....	Pág. 7
Brasília dos Candangos.....	Pág. 8
Seminário de Cultura.....	Pág. 10
O Homem no Planalto Central.....	Pág. 11
Luziânia.....	Pág. 13
A Cultura Escorraçada.....	Pág. 21
Diacuí.....	Pág. 23
Machismo.....	Pág. 25
O Exemplo de Madri.....	Pág. 28
Fatos & Gente.....	Pág. 29
Cartas.....	Pág. 30
Poesias.....	Pág. 31

Expediente

DF-Letras, Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal, editado sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica da Vice-Presidência.

Vice-Presidente:

José Edmar Cordeiro

Chefe de Gabinete:

Reinaldo Mendes

Coordenador de Editoração e Produção Gráfica:

Nelson Pantoja

Editor DF-Letras:

Chico Nóbrega

Programação Visual:

Marcos Lisboa

Projeto Gráfico:

Cláudio Gardin

Capa:

Margarette de Cássia

Fotografia:

Silvio Abdon

Carlos Gandra

Revisão:

Vania Maria Codeço Velloso

Anamaria Silva Pinheiro

Ilustradores:

Ana Caçador; Margarette de Cássia; Cláudio Gardin e Marcelo Perrone

Chefe da Seção de Editoração:

Pedro Cassimiro de Souza

Equipe:

Antonio Eufrauzino; Apolo Guandalini; Cláudio de Deus; Francisco Dino; Hélio Araújo; Antônio de Brito; José C. de Souza; Luci Furtado; Nelci Stein e Sebastião Peres

Chefe da Seção Gráfica:

Randal Martins Junqueira

Equipe:

Abimael Amorim; Adeilton Godoy; Antônio Carlos Pereira; Carlos A. de Macedo; Celso Santana; Denilson Caldas; Edson de Lima; Glacy Barrozo; Gonçalo Magalhães; Jonatas Martins; José Gomes; José Bergamaschi; José de Albuquerque; Lázaro Tolentino; Luis Fidyk, Oscar Monterrojas; Reinaldo Andrade; Rogério Muniz; Vicente Lima e Wilson Pimentel

Impressão:

Gráfica da CLDF

Tiragem:

5 mil exemplares

Editoração Eletrônica:

Saccada Comunicação e Marketing - Fone (061) 225 9584 Fax (061) 323 8345

Esta edição compreende os meses de novembro e dezembro, números 21 e 22, respectivamente.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.

BUMBA-MEU-BOI

A revolta dos humildes

O bumba-meu-boi é originário do ciclo econômico do gado no Brasil, tendo realmente este folguedo tríplice miscigenação, com a influência das raças responsáveis pela nossa colonização: o negro africano, o índio e o português. O bumba é uma festa folclórica que acontece em quase todos os estados do país e que recebe também o nome de boi de mamão. Mas é no Maranhão que essa manifestação alcança maior expressão.

A brincadeira do bumba-meu-boi originou-se das atividades ligadas à pecuária, com os negros africanos escravos nas fazendas e nos engenhos. No Maranhão ela iniciou-se provavelmente nos últimos anos do século XVIII.

Entre as lendas que explicam o aparecimento do bumba, duas se destacam; uma é narrada como fato acontecido a um casal de escravos de uma fazenda, cujo marido chamava-se Francisco e a mulher, Catarina ou Catirina. Esta, grávida e com *desejo*, pede ao esposo que lhe traga a língua de um boi para comer. Para atender a mulher, pai Francisco rouba um boi do seu patrão e depois da matança é descoberto. O patrão manda o capataz apurar o fato. Preso o negro Chico, este tem que dar conta do boi, sob pena de ser morto.

Em virtude disso, toda a fazenda é mobilizada para salvar o boi. São

chamados pajés e doutores, que finalmente conseguem ressuscitar o animal. A alegria é contagiante: o boi é salvo e pai Francisco também. A dança é, assim, alegria pela recuperação do boi. Considera-se, também, que o bumba é uma homenagem ao boi que, na época da colonização, era a força propulsora da economia.

A outra lenda nos diz que D.Sebastião, rei de Portugal, ao desaparecer na batalha de Alcácer Quibir, na luta contra os mouros, veio com a corte de Queluz para uma das praias do Maranhão, talvez a mais bonita, a de Lençóis, no município de Cururupu, onde permanece encantado.

No Maranhão, a brincadeira do bumba é realizada no período dos festejos juninos, mais precisamente na véspera de São João, 23 de junho. Em outros estados a festa é feita na época do Natal. Conta-se que na época das festas juninas D.Sebastião transforma-se em luzente touro coberto de pedras preciosas, com olhos em fogo, fulgurante estrela na testa, chifres de ouro e boca em brasa, em desabalado galope apavorando os pescadores nativos.

Para confirmar a lenda, observa-se a existência de sua ligação tradicional com D.Sebastião: o período da brincadeira e a feitura do boi, o

couro onde sempre resplandecem estrelas, as pontas do chifre de ouro e a maioria com uma estrela na testa. As próprias toadas, como "O boi de Guimarães", identificam essa aproximação:

*Hoje meu boi sai
Aviso todo mundo
(bis)*

*Com as graças de D.Sebastião
recebi do mar
que reina lá no fundo...*

O bumba-meu-boi é uma das maiores manifestações folclóricas do Brasil, com amplas implicações sociais, culturais e econômicas. É uma brincadeira nitidamente nacional, uma sátira ao poderio dos fazendeiros e senhores de engenho, enfocando costumes do sertão e das cidades da época colonial. A encenação, desde o batismo, enredo, morte e ressurreição do boi, tendo no epílogo a confraternização da tropeada em torno do animal redivivo, é a crítica viva do quadro social vigente à época - que de certo modo não sofreu muitas mudanças até os nossos dias.

A brincadeira demonstra a revolta dos humildes, do povo, que em suas encenações aspira à vingança social. O bumba-meu-boi é uma das mais valiosas manifestações culturais, originado nos ritmos do escravo, índio e branco - traço da união de nossa raça, bem brasileira. Uma cultura popular por excelência.

O bumba-meu-boi do Teodoro está embaraçado, mas ainda está solto pelas cidades-satélites de Brasília. Dentro de pouco tempo será feita sua “matança”, mas, no próximo ano, ele pode não sair, depois de 33 anos sem faltar a uma apresentação na véspera de São João. O boi de Sobradinho está embaraçado. É boi!

Esse lamento é do maranhense Teodoro Freire, 75 anos vividos pela paixão ao bumba-meu-boi. Teodoro levou o seu boi Brasil afora. O boi chegou “voando” a Brasília, numa manhã qualquer, para comemorar o 1º aniversário da nova capital, em 21 de abril de 1961. Foi uma festa inesquecível com a peãozada e não deixou mais a nossa cidade.

Mas o boi pode “morrer”. Teodoro tem buscado apoio junto às autoridades, mas as portas estão se fechando como nunca. Até o governador de Brasília, Cristovam Buarque, prometeu uma festa para ajudar o boi do Teodoro, mas até agora nada fez. Para Teodoro, os governos não querem saber da memória cultural da nossa sociedade. Um povo sem cultura é um povo alienado, um povo morto, diz um desalentado sonhador.



"Na ditadura militar, um major veio ao Centro procurar subversivos. Eu disse que subversivo só tinha o boi. Ele achou graça e nunca mais apareceu"

DF-Letras - Como aconteceu esta paixão pelo bumba-meu-boi?

Teodoro Freire - Eu nasci no Maranhão, em 1920. Lá é a terra do bumba-meu-boi. Como todo menino maranhense, tenho o sangue ligado ao boi. Desde pequeno tive contato com “patrões do boi” famosos, tais como Mundico Laborrão, Anicete, Cassimiro Câmara, Domingos Macaco e outros.

DF-Letras - O seu primeiro boi foi onde?

Teodoro Freire - Foi na minha cidade, São Vicente da Fé, na Baixada Maranhense. Apesar de o boi ser brincado em todo o Maranhão, na Baixada ele

tem muita força, principalmente nas cidades de Viana, Pinheiro, Cajapió, Matias, Peralva e outras mais.

DF-Letras - O começo de tudo foi em São Vicente da Fé, mas em São Luís é que o senhor tomou gosto pelo boi. Como era a festa em São Luís?

Teodoro Freire - O boi surgiu na época dos escravos. Num tempo em que eles eram muito judiados. Como era uma brincadeira vinda dos negros, um divertimento deles, havia muito preconceito contra o boi. Chegou a ser proibido de sair em São Luís. Até 1945, os blocos de bumba-meu-boi não podiam entrar na capital. O chefe da Polícia, Flávio Bezerra, reprimia com violência. A ordem era baixar o pau e prender quem brincasse em São Luís. Havia muito preconceito contra os negros. O preconceito era grande em todo o Maranhão por ser o boi uma brincadeira de negros, a exemplo, também, do tambor de crioula e do tambor de mina.

DF-Letras - Mesmo com preconceito o pessoal brincava. Como se fazia isso naquela época?

Teodoro Freire - Quando cheguei em São Luís, o bumba-meu-boi era muito diferente do que é atualmente. Os mais famosos eram o de Lorentino Araújo, do bairro da Fé em Deus e de Tabaco, do bairro da Madre de Deus. Na Ilha de São Luís tinha o boi da boioba, de Luís Cas-

O boi embaraçado

tro. Brincava-se o boi no dia 23 de junho e morria até 15 de agosto. Hoje não. Eles atravessam o ano todo. É bumba-meu-boi para turista, nos hotéis. Assim eles estão acabando com a verdadeira tradição do boi.

DF-Letras - Teodoro, como é essa história de "matança" do boi? A brincadeira não representa a ressurreição dele?

Teodoro Freire - A "matança" acontece quando terminam as atividades do bumba-meu-boi. O boi se esconde para não morrer. Quando ele volta à tardinha, no outro dia, o vaqueiro laça-o e leva-o para o moirão. Lá ele é morto. Os participantes da festa tomam bastante vinho, que representa o sangue do boi, encerrando assim as atividades do bumba-meu-boi do ano. Reza-se um bendito em homenagem a São João, ao pé do moirão onde o boi foi "morto", e a festa acaba.

DF-Letras - Teodoro, você é uma pessoa que realmente vive pensando em bumba-meu-boi. Por onde anda você cria um boi, até no Rio de Janeiro tem um. Como é essa história?

Teodoro Freire - Em 1953, eu fui morar no Rio de Janeiro. Lá, com o apoio de muitos maranhenses radicados na antiga capital, fundamos um boi em Bonsucesso, com mais de 48 integrantes. Na época tivemos um apoio decisivo para o boi do então deputado José Sarney, um incentivador da cultura maranhense. Como o carioca aceita tudo, até festival de rock, gostar do bumba-meu-boi foi muito fácil.

DF-Letras - Os políticos sempre estiveram muito próximos dessas manifestações populares, uns verdadeiramente, outros só por interesses eleitorais. Isso também acontece com o boi?

Teodoro Freire - Os políticos do Maranhão, antigamente, eram muito mais solidários com as brincadeiras do bumba-meu-boi. Hoje é bem diferente. Eles vinham sempre procurar pelos "patrões do boi" para saber como estava a situação. Atualmente, só dois deputados maranhenses ainda nos procuram para ajudar o boi: o Sarney Filho e o Nan Souza, justiça seja feita. O resto não tem mais nenhum interesse.

DF-Letras - É sabido que boi não voa. Mas corre a história de que o boi do Teodoro chegou voando em Brasília. É verdade, Teodoro?



"Um povo sem cultura é um povo morto"

Teodoro Freire - Sim. O boi do Teodoro veio de avião para Brasília, em 1961, para participar do primeiro aniversário da nova capital, a convite do poeta Ferreira Goulart e de Edson Carneiro, assessor do antigo Ministério da Educação e Cultura para assuntos ligados ao folclore. O boi veio do Rio "voando" com trinta participantes. Brincamos na rodoviária, em meio aos milhares de maranhenses e nordestinos, na alegria contagiante do bumba-meu-boi. Foi uma festa inesquecível.

DF-Letras - Foi nessa época que surgiu a oportunidade de mudar-se para Brasília?

Teodoro Freire - Foi. Eu conheci o deputado Antônio Dino, já falecido, maranhense e incentivador do boi. Ele me convidou para morar em uma chácara de sua propriedade, perto do DER (Departamento de Estradas de Rodagem) de Brasília, junto a Sobradinho. O deputado Dino era um brincador de boi.

DF-Letras - Você ficou em Brasília. Foi

amor a primeira vista?

Teodoro Freire - Fiquei apaixonado pela cidade. Fui trabalhar na SAB (Sociedade de Abastecimento de Brasília). Não me adaptei ao tipo de serviço. Voltei ao Rio só para conseguir um novo emprego, desta vez na Universidade de Brasília, que estava começando a ser criada. Em setembro de 1962, eu comecei a trabalhar na UnB, levado pelas mãos do senador Darcy Ribeiro, ex-reitor da Universidade por onde me aposentei.

DF-Letras - Você estava batalhando emprego e o boi, como estava?

Teodoro Freire - O boi continuava firme nas minhas andanças por Brasília. Precisamente em 1963, em janeiro, eu já estava trabalhando no bumba-meu-boi, aqui na nova capital. Isso já em Sobradinho, onde ele está até hoje. Convocamos os maranhenses, vieram também alguns professores da UnB e mais o deputado Antônio Dino e fundamos a Sociedade Mantenedora do Folclore Maranhense. Eu fiquei com a missão de escolher os bailantes e os professores, os recursos. No sábado de aleluia daquele ano fizemos o primeiro ensaio. No dia 10 de abril ganhamos a área, onde o boi brinca até hoje, em Sobradinho.

DF-Letras - Era fácil conseguir os recursos para o bumba-meu-boi?

Teodoro Freire - No dia 13 de junho, o boi estava todo ensaiado, pronto para estreitar na véspera de São João, quando o pessoal da universidade veio dizer que não tinha conseguido o dinheiro. Foi aquela decepção. Faltavam 65 contos de réis. Foi quando a professora Edna Sötter de Oliveira, vendo a minha tristeza disse: "O Darcy dá o dinheiro". O professor Darcy Ribeiro era reitor da UnB. Na hora fizemos um ofício da Sociedade ao reitor. Quando eu cheguei às 8 horas da manhã para trabalhar, o cheque já estava pronto. Fui buscá-lo na antiga reitoria, no hoje Instituto de Música. Como o cheque estava nominal à Sociedade, foi difícil sacar, mas nós conseguimos.

DF-Letras - Então o boi estava salvo?

Teodoro Freire - Ainda não. O dia da apresentação estava chegando. Todo mundo já dizia que o boi não ia sair. E eu garantia. Fui ao Rio buscar o material que era do boi de Bonsucesso. Em dois dias de idas e vindas ao Rio, consegui trazer

"Tenho mais duas paixões: o Flamengo e a Mangueira"

o material, e o primeiro bumba-meu-boi de Brasília brincou no dia 23 de junho, véspera de São João. No dia 24 brincou na UnB, em 25, no Clube Caça e Pesca e em 29, no Clube Cota Mil. Depois fizemos uma grande apresentação para o ex-presidente Juscelino Kubitschek na avenida L-2. O boi se soltou pelas cidades-satélites. Foi uma maravilha!

DF-Letras - *Daí para frente o boi foi uma beleza...*

Teodoro Freire - Nada! Logo veio a revolução militar de 1964. Os professores da UnB sumiram. Uns foram embora ou presos e outros ficaram com medo de ir aos ensaios. Até um major me procurou lá na sede do boi para saber se tinha algum subversivo. Foi um período difícil para o bumba-meu-boi. Mas ele nunca deixou de sair todo ano. São 33 anos de boi só em Brasília. Mas foi a partir daí que o boi começou a ficar embaraçado.

DF-Letras - *Como é essa coisa de boi embaraçado?*

Teodoro Freire - Começaram as perseguições. As invejas contra o boi de Sobradinho. A partir de 1982 iniciou-se uma perseguição implacável da Terracap (empresa que cuida dos terrenos públicos em Brasília), principalmente no governo Elmo Serejo. O ex-governador Aimée Lamaison ajudou. Mas o ex-governador José Aparecido, que se diz amante da cultura, não deu o menor apoio. Nem com o pedido do presidente José Sarney. Ele sempre dizia que estava muito complicado garantir a manutenção da área onde funcionava o boi em Sobradinho. Essa história do Aparecido dizer que gosta de cultura popular é só para o povo ver. Ele podia, mas não legalizou a área.

DF-Letras - *Como é que a situação da legalização do terreno foi contornada?*

Teodoro Freire - Quando a Câmara Legislativa do DF foi criada, eu procurei o deputado Carlos Alberto Torres, que é professor da UnB. Ele apresentou um projeto de lei legalizando a área. O então governador Joaquim Roriz vetou a lei, mas depois de vários entendimentos com os assessores do governador, o pessoal da Terracap e os deputados distritais, descobriu-se um encaminhamento legal para a questão. A área especial ficou sob o regime de concessão de uso do terreno, enquanto o bumba-meu-boi existir. Graças a Deus surgiu



“Para apresentar o boi ao governador Cristovam, gastamos 20 mil reais e agora não temos como pagar”

uma solução para o boi de Sobradinho.

DF-Letras - *Mas parece que o boi continua embaraçado e pode não sair ano que vem. É verdade?*

Teodoro Freire - Verdade. Ele pode não sair. Fizemos uma despesa muito grande para a apresentação do boi, todo completo, para o governador Cristovam Buarque, em junho deste ano. O boi ainda está brincando pelas cidades-satélites. Eu estou com uma dívida em nome do bumba-meu-boi da ordem de R\$20 mil reais e ainda não paguei nada. Estou com meu nome na Justiça. Do Centro de Tradições Populares não há nada. Tudo foi feito no meu nome. A situação está bastante difícil. A Secretaria de Cultura incluiu o boi no projeto Classe Arte, mas os recursos são muito poucos, não dão para nada. O Ministério da Cultura tem recursos destinados para o boi de Sobradinho, mas até agora nada também. Se a questão da dívida não for resolvida, o bumba-meu-boi de Sobradinho vai acabar depois da “matança”.

DF-Letras - *E o governador Cristovam Buarque não se manifestou até hoje?*

Teodoro Freire - O governador Cristovam já foi ver o boi várias vezes, inclusive como professor da UnB. É preciso que ele olhe a questão do boi de Sobradinho com mais carinho. Ele

precisa desembaraçar o boi. Ele me prometeu uma festa em benefício do boi, mas até agora nada. As coisas não podem ficar assim.

DF-Letras - *Você está decepcionado com o governo?*

Teodoro Freire - Você sabe muito bem que a cultura popular não teve mais apoio depois que Juscelino Kubitschek deixou o governo. Os governos, tanto o federal quanto o local, não se importam com as manifestações ligadas à cultura. Não querem saber da memória cultural da nossa sociedade. Um povo sem cultura é um povo alienado, um povo morto. Eles precisam acordar e deixar de ficar a reboque da cultura de outros países. Eu vou cobrar o compromisso do governador Cristovam pessoalmente. Ele vai dar aula na UnB sempre às terças-feiras. Ainda na campanha, ele me perguntou numa reunião o que eu esperava do governo dele. Eu disse que esperava que ele fizesse o que todos os outros não fizeram pela valorização da cultura popular. Parece que ele não se lembra do que nos disse naquele encontro. Parece que se esqueceu depois que ganhou a eleição. Se o boi não for desembaraçado acaba e não sai o ano que vem pela primeira vez em 33 anos de existência.

V I C T O R A L E G R I A

Livro, uma conquista para cidadania

Brasília viveu, de 17 a 26 de novembro, um evento à altura de uma cidade patrimônio cultural e ambiental da humanidade. Sessenta mil pessoas visitaram o Pavilhão de Feiras e Exposições do Parque da Cidade, para ver a XIV Feira do Livro de Brasília, a II Feira Internacional de Cultura e a I Feira de Ciência e Tecnologia do DF.

O livreiro Victor Alegria, presidente da Câmara do Livro do Brasil Central, uma das entidades promotoras do evento, disse que a Feira mostrou o livro "em uma visão holística de cultura". Os participantes tiveram a oportunidade de ver o livro como parte integrante do mundo em que vivemos, essencial para a conquista da cidadania, afirma.

A Feira deu grande importância às várias formas de veiculação da cultura: a fotografia, a música, o cinema e a TV. "A Feira foi um encontro de multimídia, provando que cultura não é excludente. Temos que conviver com todas as formas de cultura", frisou Alegria.

Outro aspecto salientado foi o de chamar a atenção para Brasília, uma cidade onde ser brasileiro é uma questão de geração. E os brasileiros como nós nada têm a ver com a tristeza dos fatos políticos que acontecem aqui, gerados por "forasteiros" sem compromissos com a cidade. "A Feira foi a valorização de nossa auto-estima, mostrando que o ser humano que trabalha em Brasília é um fator essencial à cultura, e que a cidade é capital de um país com mais de 160 milhões de habitantes, patrimônio cultural da humanidade. "As feiras foram dedicadas à juventude e ao reencontro com a experiência dos mais velhos", concluiu Alegria.

Saboreando ainda o sucesso da Feira cultural, Victor Alegria, esse português de coração verde e amarelo, falou com exclusividade para o *DF-Letras* sobre cultura e livros. Há 32 anos lutando pela cultura em Brasília, a ponto de ter sido preso três vezes na época da ditadura por esse envolvimento, Victor Alegria se orgulha de haver publicado 828 títulos de autores do Distrito Federal, através de sua editora, a Thesaurus. "A minha política é a cultural. Só por isso é que ainda não me naturalizei brasileiro. Para que as pessoas não pensem que eu tenho ambições políticas a cargos de governo. Eu só penso na cultura", afirma Alegria. A seguir a entrevista de Victor, um grande brasileiro, só que português.



O turismo cultural é uma vocação natural de Brasília

"A Feira foi a valorização de nossa auto-estima"

DF-Letras - *O ano de 1995 foi marcante para o Distrito Federal no campo da cultura. Fomos o centro de vários eventos. Esses fatos são passageiros?*

Victor Alegria - Não. Isso é o resultado de uma longa luta da comunidade através de uma inédita expressão do voluntariado cultural de Brasília. Crescemos, mesmo contra a mediocridade das forças obscurantistas.

DF-Letras - *Brasília vive uma epidemia de "feiras". Até o comércio vem protestando contra a concorrência "ilegal". No que diferem as feiras de cultura?*

Victor Alegria - As feiras de cultura funcionam ao contrário das outras. Elas chamam a atenção para uma nova força econômica. Na próxima década, já no terceiro milênio, o turismo será um dos mais poderosos setores da economia mundial. É essa a visão que mostramos na XIV Feira do Livro de Brasília. É o turismo cultural uma vocação natural de Brasília. Temos espaços suficientes para esses encontros, gerando empregos, sensibilizando o comércio, a indústria e o governo para parcerias verdadeiras.

DF-Letras - *Como se daria isso?*

Victor Alegria - É preciso que se criem políticas que valorizem os nossos espaços culturais, tais como o "Museu do Homem Brasileiro", o "Museu Vivo do Cerrado", a "Biblioteca Multimídia", com abrangência universalista. Isso faria com que Brasília se tornasse um pólo de atração para brasileiros e visitantes estrangeiros, a exemplo do que ocorre em Washington, a capital norte-americana.

DF-Letras - *O Plano de Estabilização Econômico trouxe algum alento para a nossa cultura?*

Victor Alegria - Do ponto de vista editorial, não. Cada vez o livro vai ficando mais caro. Além disso, vemos que a informação audiovisual impede a formação reflexiva que o livro proporciona. Nesta luta pela valorização do livro, a Câmara do Livro do Brasil Central criou um prêmio, uma honra intitulada placa "Primus inter pares" para homenagear aqueles que se dedicam à cultura. Entre os poucos selecionados destacamos o presidente da Câmara Legislativa do DF, deputado Geraldo Magela, pelo trabalho em prol da cultura brasileira.

Zé
Ramalho
(PDT)

Brazlândia é uma das regiões mais ricas em tradições folclóricas não só dentro do Distrito Federal, mas em todo o estado de Goiás. Basta lembrar da "Festa do Divino", o mais importante evento religioso da comunidade, que atrai milhares de turistas e tem como elementos principais a "folia de roça" e a "folia de rua", em que podemos presenciar a famosa dança da "catira" e o "cantori" (ou cantoria). Por essa razão, defendemos a construção, na satélite, da Casa da Cultura, para melhor divulgar esses eventos.

Odilon
Aires
(PMDB)

O bumba-meu-boi, tradição dos escravos, principalmente os que ficaram radicados no Nordeste, em especial no Maranhão, é festa folclórica e popular que encanta a população brasileira, especialmente a interiorana. O Distrito Federal, constituído notadamente por nordestinos, tem o seu marco popular com o bumba-meu-boi em Sobradinho. Com o apoio da comunidade, o maranhense Teodoro Freire continua lutando para manter a tradição.

BRASÍLIA

dos candangos

■ RONALDO CAGIANO

Mineiro de Cataguases, advogado, poeta, escritor e economiário, Ronaldo Cagiano reside em Brasília há quinze anos e é um defensor confesso de nossa cidade. Neste artigo Cagiano alia-se a outro amante de Brasília: o professor, escritor e poeta de renome nacional, Cassiano Nunes (foto).



Os dois, tomados de indignação, contestam a campanha de uma minoria oportunista, descontente e saudosista, que tenta infundir na opinião nacional conceitos e valores depreciativos da capital federal.

Segundo Cagiano, JK soube ver além do seu tempo ao construir Brasília, e Cassiano Nunes soube muito bem apreender esse espírito. Hoje, Brasília é um caleidoscópio da alma e da identidade nacional. Viva a Brasília dos candangos! A cidade tem alma, agita-se e repudia a imagem desgastada e impopular com que tentam rotulá-la.

Ninguém tem expressado tão bem, como Cassiano Nunes, o sentimento brasiliense diante das assacadiilhas contra a capital do País que um certo e ressentido grupo tem deflagrado, impiedosamente, contra esta terra. Em contundentes e aplaudidas incursões pela imprensa, nosso poeta maior vem exorcizando o farisaísmo maniqueísta dos que vêm, orgânica e sistematicamente, caluniando e ofendendo este sítio, onde a invocação bandeirante, aliada à utopia possível e aos sonhos de um estadista, plantaram um novo tempo em nossa História.

Professor, escritor e poeta de vasta e festejada obra, emérito conhecedor de nossa língua e raízes, Cassiano Nunes, em um artigo tão realista quanto apaixonado, intitulado *Em defesa de Brasília*, publicado no *Cultura de Fato*, destaca a importância da capital federal como síntese de um País heterogêneo, mas em busca de sua identidade e afirmação como Estado, povo e nação. Vale lembrá-lo agora, neste trigé-

simo quinto ano de inauguração da nossa capital, sobretudo porque Brasília tem sido alvo de uma campanha de desmoralização e depreciação jamais vista desde sua construção, pois uma minoria oportunista, descontente e saudosista tenta infundir na opinião nacional terrível idéia a seu respeito disseminando conceitos deploráveis sobre sua vida, sua gente e seus valores, até mesmo com insinuações sobre a esdrúxula e anacrônica volta da capital para o Rio de Janeiro.

Cassiano Nunes, em sua defesa, nos dá brilhante testemunho-lição: "*Brasília, projetada desde os primórdios da Pátria pelos melhores filhos, os de espírito mais penetrante, o que por isso pareciam videntes e profetas, surgiu para dar consistência a um país geograficamente frouxo, descosturado, incompleto, fragmentado, e também para vencer a alienação colonialista. Foi construída para impor a interiorização e a dinamização do interior. Brasília teve por missão dar ao Brasil os seus remates, as suas feições definitivas, o seu acabamento. Ainda hoje o Brasil é uma nação*

inacabada, como a sinfonia de Schubert. Deixamos de fazer o que os americanos fizeram com absoluto sucesso: assumir a posse total do território. Ao contrário, o Brasil, passada a febre do bandeirismo, com raras e fulgurantes exceções, como a marca épica do café em terras de São Paulo e Paraná, acorrou-se junto ao litoral, aguardando notícias da Europa, depois substituída pelos Estados Unidos".

É certo que o interesse desmedido desses poucos renitentes, nostálgicos e surrealistas, de uma miopia cediça, suplanta o entendimento e a compreensão sobre o movimento de transferência da capital do litoral para o interior. Com isso olvidam, em face do inconformismo e até mesmo da maledicência, a real necessidade de integração que Juscelino defendeu como projeto nacional, fazendo com que aquele Brasil concentrado no sul-sudeste pudesse abrir a fronteira do centro-norte do País, deflagrando um processo de desenvolvimento e valorização de imensas, despovoadas e desassistidas regiões. Brasília vinha na direção desse projeto, ao encontro de um novo parto, de uma emancipação geográfica. E JK soube ver além do seu tempo, desarticulando com diplomacia e decência política todos os entraves à consecução desse ideal. Cassiano Nunes reflete sobre essa realidade e vaticina: "*Nossas migrações marcham na direção contrária ao progresso e até ao bom senso. Em vez do nosso caboclo se arraigar na terra ou em terras novas, vem para as metrópoles mendigar, ou, o que é pior, engrossar hostes do banditismo*".

Brasília construída e consolidada como capital federal, caleidoscópio da alma e da identidade nacional, vem sendo ultrajada, alvejada e discutida com menoscabo por determinados setores da vida nacional, que a culpam pelos males por que passa o País, atribuindo-lhe, numa afirmação deturpada e iconoclasta, os desvarios políticos, econômicos e sociais que nos solapam, como se ela fosse tão-somente esse mar de lama e podridão, esquecendo-se de que Brasília é maior que o proselitismo caviloso que esses próceres de sua negação tentam esgarçar.

Há um engano danoso, lesivo nesse *jus*



Os anjos da Catedral, guardiões silenciosos de Brasília

sperniandi. Uma campanha caluniosa de alguns a culpam pelo fracasso político dos governantes, pelas diatribes execráveis de certos membros do parlamento, pelas *débâcles* econômico-financeiras e pelos descaminhos administrativos, não levando em conta que isso é fruto de um reduzido número de homens cujo comportamento político e social nada tem a ver com a capital, mas origina-se em sua (deles) formação política, bagagem que trazem de suas hostes, jungidos ao poder pelo voto popular, e cuja escolha às vezes escapa ao controle ético do eleitor.

Brasília - a cidade e seu povo - não têm, nunca tiveram e não terão jamais, vocação para *underground* político, valha-couto de certos atalhos impunes da vida legislativa e parlamentar, desvio de suas instituições ou inspiração para os arranjos que aqui são urdidos por um segmento que não representa genuinamente o lugar. Com o golpe de 64 e a sucessão de governos ilegítimos e parlamentos subservientes e manipulados, Brasília travestiu-se num deplorável antro de politicagem, castelo impermeável às investigações, sob o patrocínio

de conservadores burgueses e empedernidos, possibilitando tram-se na contramão da história, garroteada que foi a liberdade, inviabilizada a democracia e descumprido o senso ético de toda ação político-partidária naqueles anos nebulosos. Brasília, não a dos políticos, mas a dos candangos, construtores, trabalhadores e honestos cidadãos, é uma cidade que renega as mazelas e luta para desfazer a imagem desgastada e impopular que, a todo custo, insistem em projetar sobre ela. Porque, malgrado toda a mácula impingida por setores descontentes que a parasitam e não a curtem plenamente, Brasília constitui-se numa sociedade limpa, com uma população decente, esperançosa, altruísta até. Ela vibra, agita-se, produz, conquista seu espaço real e cresce rumo ao futuro almejado pelo resto da nação brasileira, pois abriga em seu torrão todos os brasis.

Assim, não é difícil defendê-la, como o fez Cassiano Nunes, pois como arremata em seu artigo, "*evidentemente as cidades não têm*

culpa da qualidade de senadores e deputados que, de maneira superficial e efêmera, freqüentam as assembléias que nelas se localizam. Há anos venho defendendo Brasília, que não precisa de defesa, mas a idéia muito antiga e atual da marcha para o Oeste, que há muito devia estar concluída, tal como aconteceu nos Estados Unidos no século passado".

Por tudo isso, entendemos que Brasília não é esse arauto da vergonha nacional, como querem (porque querem) certos inconformados e recalçados cidadãos, nem a razão da ignomínia e do pesadelo que paira sobre as instituições. Estes, sim, são os atavismos de um sem-número de políticos arrivistas que aqui aportam, advogando interesses escusos, menores e antipopulares e, como aves de arriação ou abutres de ocasião, empestam, denigrem e envilecem a vida pública, repassando à cidade e aos seus cidadãos injusto estigma, o que vem sendo denunciado, a duras penas, por todos nós brasilienses, nativos ou adotivos, que a temos na melhor das contas.

A literatura brasiliense existe, sim, senhor!

Lúcia
Carvalho
(PT)



O bumba-meu-boi, originário do ciclo econômico do gado no Brasil, sendo um folguedo com influência das raças responsáveis pela nossa colonização, é considerado o maior espetáculo popular do Maranhão. Advindo de brincadeiras dos escravos que trabalhavam nas fazendas e engenhos no século XVIII, o bumba-meu-boi tornou-se uma das expressões folclóricas mais antigas do Brasil. Falar do bumba-meu-boi no Distrito Federal é lembrar do trabalho feito pelo nosso amigo Teodoro de Sobradinho, um lindo espetáculo de cores, uma brincadeira simples e pura que fascina a todos os que podem assistir a ela.

Maria José
(Maninha)
(PT)



A riqueza do folclore brasileiro tem sido pouco divulgada e valorizada. O bumba-meu-boi, felizmente, caiu nos braços da mídia e hoje tem direito até a "bumbódromo". Mas há manifestações igualmente ricas que precisam ser mais valorizadas. É o caso da folia de reis de Jamuária, norte de Minas Gerais, onde nasci. A cada 6 de janeiro, diversos cantadores saem pela cidade desfilando poesia e recolhendo donativos. A folia termina numa grande festa popular, onde dança-se a catira, bebe-se aguardente de primeira e come-se o que há de melhor da culinária mineira. É, enfim, uma festa bem brasileira que o Brasil precisa descobrir.

Tomar providências junto ao Poder Executivo para que haja mais bibliotecas escolares e públicas, fazer com que a literatura brasiliense passe a ser incluída no currículo do curso de Letras da Universidade de Brasília e pelo menos um livro de autor brasiliense seja obrigatório nos programas dos vestibulares. Estas três medidas fazem parte de uma extensa lista de reivindicações lançadas durante o seminário **A Literatura Brasiliense Existe? Prove!**, organizado pelo gabinete do deputado Geraldo Magela, do PT.

O seminário, realizado no auditório da Câmara Legislativa do DF, entre os dias

5 e 6 de outubro, conseguiu fazer com que um bom número de pessoas mostrasse seu interesse pela literatura e pelo que se escreve, hoje, no Distrito Federal.

Os debatedores, como o senador Arthur da Távola, o jornalista Luiz Guttenberg, o professor Danilo Lobo e o editor Victor Alegria, além do próprio Magela, concordaram em um ponto primordial: apesar do descaso da imprensa, apesar das dificuldades de se levar os originais ao prelo e apesar da crise por que passam as letras em todo o País, a literatura brasiliense existe e é dona de qualidade admirável.



O deputado Magela (C) presidiu a abertura do encontro dos escritores

Fórum do escritor

O presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal, deputado Geraldo Magela, participou, em setembro passado, como convidado especial, do XI Fórum Permanente do Escritor, promovido sempre às sextas-feiras, às 18:30h, pela Diretoria de Literatura da Secretaria de Cultura e Desporto, na sala Pompeu de Souza da Fundação Cultural.

Com a sala lotada de escritores, Magela apresentou o anteprojeto de sua autoria e da deputada Lúcia Carvalho, criando a Bolsa-Brasília de Publicações Literárias. Basicamente, a proposta apresenta os seguintes pontos: só poderão concorrer à bolsa escritores residentes no Distrito Federal; os direitos da obra serão da Fundação Cultural, como órgão

executor do projeto; 1/3 dos exemplares impressos serão distribuídos entre as bibliotecas públicas e as das escolas do DF; cada escritor só poderá recorrer à bolsa de 4 em 4 anos.

Será constituído um júri para a escolha das obras financiadas pela Bolsa Brasília de Publicações Literárias. Farão parte dele representantes do Conselho de Cultura, do Sindicato dos Escritores do DF, da Fundação Educacional, da Associação Nacional dos Escritores e um escritor de renome e prestígio nacional. O anteprojeto de lei ainda será submetido ao plenário da Câmara Legislativa para aprovação dos deputados distritais.

O homem no Planalto Central

■ BERNARDO ÉLIS

“Paulo Bertran tem revirado e rebuscado o rebotalho de nossos arquivos”



O escritor goiano Bernardo Élis, membro da Academia Brasileira de Letras, nos fala neste artigo da obra do pesquisador e historiador Paulo Bertran. Élis enfatiza o caráter investigatório da obra de Bertran, “colhendo muitas coisas valiosas, papéis esquecidos nos arquivos de além-mar e que novas luzes deitam à história goiana”. Este resgate da história do Centro-Oeste, em particular do Planalto Central, é um dos pontos admiráveis dos estudos desenvolvidos por Paulo Bertran, na visão do acadêmico Bernardo Élis. Neste particular, o DF-Letras tem publicado alguns dos estudos de Paulo Bertran, destacando-se o ensaio “Milenarismo no Sertão - A Atlântida e a tradição Fawcett”, incluído no último número da revista, que circulou no mês de outubro passado.

Desde esta vista de fim de século e milênio podemos afirmar que o historiador Paulo Bertran possui uma bibliografia numerosa e das mais importantes para o Brasil e o mundo. Seus trabalhos versam sobre a região Centro-Oeste do Brasil, sobre a qual, se os estudos e registros não são tão escassos, são esparsos e não divulgados. Ele vem se dando a esse trabalho exaustivo de juntar documentos e daí passar a outra fase mais difícil, que é comentá-los e interpretá-los com sabedoria e proficiência.

Admirador que sou de Paulo Bertran, conheço todos os seus trabalhos, desde o primeiro editado, *Formação Econômica de Goiás* (1978) até este último, intitulado *História da Terra e do Homem no Planalto Central*. Embora não tendo podido localizar toda a sua produção, assim de memória enumero essa primeira obra, a segunda, *Uma Introdução à História Econômica do Centro-Oeste do Brasil* e um estudo sobre Niquelândia, a de São José do Tocantins, de outrora, cujo título e cujo exemplar não me foi possível encontrar, na balbúrdia de minha livraria.

Daí o autor abre o seu voo para grandes alturas e larguras, em amplos estudos e mais outro, inédito, nas mesmas condições em que faz o levantamento do desenvolvimento do Oeste através de fotografias e gravuras. E, também outro, inédito, que é *A Ilustração nos Sertões (de Fim do Século)*. Esses estudos citados abordam o fato histórico com precisão, mas procuram relacioná-lo de modo

global com o Brasil, a América e o mundo, enriquecendo-o com peculiaridades, pormenores, informações da mais alta significação cultural. Isso faz sua leitura agradável e excitante.

Não creio que qualquer pessoa ao ler um desses três livros editados e outros três inéditos, deixe de interessar-se pela história do Brasil Central e não prossiga na cata de mais largas informações. Os livros têm sabor de aventura.

O professor Cristovam Buarque, ex-reitor da Universidade de Brasília e atual Governador do Distrito Federal, no terceiro livro editado por Paulo Bertran, escreveu-lhe a orelha, e suas palavras foram muito felizes por atingir o cerne da preocupação do autor. Diz: “Bertran não limitou-se porém a um recorrido bibliográfico e conseqüente descrição do fenômeno de seu estudo e o segundo grande mérito de seu livro é a abrangência analítica. Graças a isso, situou a região dentro do contexto da economia brasileira e internacional. Ao fazer assim, o autor evitou o grave erro de historiadores menos formados, que têm vida própria no seu objeto de estudo. Graças à sua formação teórica, foi capaz de entender e descrever a economia do Centro-Oeste desde o início, como parte de um processo econômico mais amplo do capitalismo brasileiro e mundial”.

Investigador inteligente e diligentíssimo, Paulo Bertran tem revirado e rebuscado o rebotalho de nossos arquivos, depois dos saques a que os submeteram anti-

Daniel
Marques
(PMDB)



Falar do bumba-meu-boi em Brasília é o mesmo que falar de Mestre Teodoro, esse incansável batalhador pela sobrevivência dessa manifestação folclórica que, sem dúvida, é uma das mais importantes do nosso país. Entrincheirado em Sobradinho, Mestre Teodoro vem desde a década de 60 difundindo a beleza e a força do bumba-meu-boi por todo o Distrito Federal. Apesar de sua importância para a história cultural do Distrito Federal, Mestre Teodoro vem enfrentando dificuldades de toda ordem para levar adiante seu belo trabalho.

Adão
Xavier
(PFL)



O direito à Educação é um princípio fundamental que devemos não só preservar como estimular. Está em tramitação um projeto de lei de minha autoria propondo a gratuidade das tarifas de ônibus para todos os estudantes regularmente matriculados nas escolas públicas e particulares de 1º e 2º graus em todo o Distrito Federal. Para gozar desse benefício, após a lei ser aprovada e sancionada, os alunos precisarão estar devidamente uniformizados e apresentar a carteira de estudante. Os estudantes do Rio de Janeiro já usufruem desse benefício.

gos historiadores, colhendo muita coisa valiosa, pois é norma consagrada que nossa curiosidade está na razão direta de nossa cultura. Além disso tem sido incansável na descoberta de papéis esquecidos nos valiosos arquivos de além-mar e que novas luzes deitam à história goiana. Porque essa história de pesquisa é muito importante. O autor verdadeiramente dotado do dom de pesquisar quase que intui, adivinha quase os acontecimentos, por indícios subtilíssimos que a tecnologia não pôde ainda ensinar, mas que, graças a um instinto especial, o pesquisador fareja e detecta como o faz Paulo Bertran.

O estudo da obra desse autor me comove porque embora desde cedo tivesse eu o dom da pesquisa e embora meu pai tivesse curiosidades históricas (especialmente sobre Goiás), eu nunca pude obter textos históricos referentes a Goiás. O primeiro que me caiu nas mãos foi a *Súmula de História de Goiás*, de Americano do Brasil, edição príncipe, 1932, obra que li de empréstimo de meu primo Sílvio Curado que a obtivera por prêmio a concurso efetuado no Liceu de Goiás, naquele ano. Tal obra me abriu os olhos para os consagrados historiadores goianos, cujos livros não tinham merecido novas edições e cujos exemplares eram inalcançáveis por aqui. Só em 1940 vim a ler a obra do professor Colemar Natal e Silva e recentemente pude ler Alencastre, Cunha Matos e Silva e Souza, os dois primeiros dados a lume por iniciativa do ex-governador de Goiás, Irapuã Costa Júnior, nesse particular merecedor de nossa eterna gratidão. Também Saint-Hilaire só li tardamente. E essas dificuldades em obter textos históricos sobre Goiás aconteciam comigo, o faminto de leitura. O que dizer então das outras pessoas?

Por isso quero frisar bem - o Governo deve editar periodicamente os livros sobre Goiás, tornando-os acessíveis a todos.

Quando escrevi *Chegou o Governador*, primeira tentativa em Goiás de fazer romance histórico, encontrei dificuldades quase intransponíveis em todos os aspectos, especialmente no tocante a alimentos, trajes, música, dança,

armas de fogo, mobiliário e mesmo vida cotidiana. A solução foi valer-me de exemplos de outras capitânias, especialmente de Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. Era minha intenção fazer um capítulo ou mais sobre os vadios tão numerosos e decisivos na vida brasileira, mas a ausência de informações restringiu minha ambição a uma simples criação do mundo dos vadios como um amplo e generalizado pano de fundo. Ainda em 1976, ao escrever o livro *Estado de Goiás*, para a coleção *Nosso Brasil*, Bloch Editora, Rio, ao abordar o assunto referente a

sesmarias, à página 31, afirmo que "elas (as sesmarias) não passavam de centena e meia, das quais talvez nenhuma fora devidamente medida e confirmada". Baseava-me numa monografia sobre sesmarias, escrita (não publicada) por um alto funcionário público responsável pelo assunto. E estava errado, como nos mostra o livro *História da Terra e do Homem no Planalto Central*, de Bertran.

Ao pesquisador e historiador Paulo Bertran devem-se estudos admiráveis sobre sesmarias como o citado anteriormente; cabe-lhe a descoberta de escritos desconhecidos e valiosíssimos, como os do capitão-mor de Vila Boa, Antônio de Sousa Telles de

Menezes, ou aquele interessantíssimo episódio da chegada do capitão-general de D. José de Almeida a Formosa, 1772. Graças a Paulo Bertran a administração dos Cunha (Luís, Tristão e João Manoel) tomou outra dimensão, sobretudo no tocante à urbanização de Vila Boa. Além disso, Paulo Bertran nos dá notícias precisas sobre obras fundamentais da vida goiana, arquivos, documentos e outras fontes de informação. São livros indispensáveis.

Quem me dera pudesse ter contado com as obras de Paulo Bertran, quando elaborei o meu *Chegou o Governador*.

Que fique a recomendação - editem-se e reeditem-se copiosamente as obras que tratam de Goiás e do Brasil Central.



"O Governo deve editar periodicamente os livros sobre Goiás, tornando-os acessíveis a todos"

Do Arraial de Santa Luzia à LUZIÂNIA



■ JOSÉ DILERMANDO MEIRELES

O antigo Arraial de Santa Luzia, marco do bandeirantismo do século XVIII, hoje Luziânia, nem imaginava a importância que alcançaria na história moderna do país. Sem considerarmos os aspectos da interiorização da colonização e da disseminação da cultura, como pólo regional, Luziânia participou ativamente da grande epopéia nacional que foi a construção de Brasília. Ponto de referência de quantos

aqui vieram ao Planalto Central, Luziânia também teve seu nome incluído na história política nacional recente. Além da fazenda do ex-presidente da República Juscelino Kubitschek, localizada em suas terras e ponto de convergência obrigatório de políticos, empresários e intelectuais dos anos 50, ela abriga, também, um sítio famoso.

Quem não ouviu falar durante os governos militares no "sítio do Golbery"? Pois é, ele

fica em Luziânia. Romarias se formavam nesta época para perscrutar a alquimia política gerada nos laboratórios do general Golbery do Couto e Silva.

Essa é Luziânia, hoje tão irmanada à Brasília. Sabermos um pouco da sua história é até uma obrigação. Vamos aprender um pouco mais com o historiador e membro da Academia de Letras e Artes do Planalto, José Dilermando Meireles, nas páginas seguintes.

Geraldo Magela (PT)



A origem da palavra folclore ajuda a compreender a importância desta manifestação popular. A palavra nasceu inglesa, composta de folk (povo) e lore (história), o que faz, então, "a história do povo". Por isso mesmo, o folclore tem que ser preservado; é ele que mantém a coesão do povo de uma mesma Nação e é ele que lembra, através de suas danças, músicas, trajes e costumes, os traços de uma história comum.

Miquéias Paz (PC do B)



A valorização das manifestações folclóricas, criando meios de fazer com que elas permaneçam vivas no círculo de suas comunidades de origem e, ao mesmo tempo, chegue à sociedade como um todo, é fundamental para entendermos a nossa própria história. No caso do bumba-meu-boi é importante que ele "sobreviva" com a diversidade que possui, assumindo características específicas em cada região do País - com o boi de mamão, boi bumbá ou o nome que tenha.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS - A penetração em território goiano, como no de Minas Gerais, deu-se a partir da segunda metade do século XVII. A história registra os nomes dos sertanistas Manoel Correia, Francisco Lopes Bonavides, Lourenço Castanho e Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera pai, como os primeiros a pisarem oficialmente as terras goianas.

O Anhangüera pai aqui chegou no ano de 1673, trazendo consigo um filho de mesmo nome e que contava, na época, a idade de apenas 12 anos. O Anhangüera, filho, voltaria em 1722, chefiando uma **Bandeira** constituída mediante a devida licença de D. João V, rei de Portugal.

Essa **Bandeira** sofreu pesadas agruras e duras privações, porém descobriu em nosso território muitas e riquíssimas jazidas de ouro, retornando a São Paulo em 1725, para dar conta do exitoso empreendimento. No ano seguinte, Bartolomeu Bueno retorna ao território goiano e funda Vila Boa, que tomou esse nome em homenagem a Bueno, seu pai. Vila Boa prosperou e tornou-se capital da Província, vindo a chamar-se, mais tarde, cidade de Goiás.

Principia aí a atividade febril da garimpagem de ouro em Goiás e a sucessiva fundação dos arraiais auríferos, os quais, segundo ordem estabelecida pelo historiador **Luiz Palacin** (Goiás 1722/1822, Editora Oriente, Goiânia, 1972), são os seguintes: Santa Cruz, 1729; Maranhão, 1730; Meia Ponte, 1731; Água Quente, 1732; Crixás e Natividade, 1734; Traíras e São José, 1735; Cachoeira e São Félix, 1736; Pontal e Porto Real, 1738; Arraias e Cavalcante, 1740; Carmo e Santa Luzia, 1746; e Cocal, 1749.

A FUNDAÇÃO DO ARRAIAL DE SANTA LUZIA - A fundação do Arraial de Santa Luzia se deu no dia 13 de dezembro de 1746 e seu fundador foi o sertanista **Antonio Bueno de Azevedo** que, partindo de Paracatu, em agosto de 1746, à procura de novas minas, foi ter à margem do riacho que hoje atravessa a cidade de



Bico de pena de Dilermando Meireles, com base em foto dos anos 30

Luziânia. Nele, encontrando grande quantidade de ouro, decidiu no mesmo instante fundar o arraial, que dedicou a Santa Luzia, por ser 13 de dezembro o dia consagrado a essa grande mártir do cristianismo.

De toda a leitura que tenho feito a respeito do assunto, somente deparei, até hoje, com uma dúvida sobre a identidade do descobridor das minas de Santa Luzia.

Confira-se o livro já citado, do historiador **Luiz Palacin**, e veja-se

à sua página 37, último parágrafo: "... **João de Godoy**, descobridor de Santa Luzia, bate no Juiz Ordinário, porque lhe disputava a precedência numa procissão".

O equívoco do ilustrador historiador é patente, não só por achar-se em desacordo com os demais que pesquisaram a matéria, entre eles o nosso atento e minucioso **Joseph de Melo Alvares**, como, sobretudo, pela existência de documento escrito e constante da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, cuja cópia nos foi dada a conhecer pelo eminente literato e historiador **Paulo Bertran**.

O documento em alusão é interessantíssimo e, por isso, o coloco à disposição dos leitores para examiná-lo; porém, como se acha manuscrito em talhe caligráfico antigo, de difícil leitura, peço permissão para transcrevê-lo:

"Relação das coisas mais notáveis e notícia formal dessas Minas e Julgado de Santa Luzia da Comarca de Goiás mandada escrever pelo Ilmo. e Exmo. Senhor General desta Capitania. É a seguinte:

"O primeiro descobridor destas Minas, Antonio Bueno de Azevedo, o qual as descobriu no ano de mil, setecentos e quarenta e seis, governando esta Capitania, como todas as das Minas, o Senhor Gomes Freire de Andrada, aliás o Senhor D. Luiz de Mascarenhas.

Foi ereto o Julgado das ditas minas no ano de mil, setecentos e quarenta e oito, sendo ouvidor desta Comarca Manoel Antunes da Fonseca.

Tem o dito Julgado de extensão, qua-

renta e oito léguas de longitude. Confina este Arraial de Santa Luzia, na distância de dezoito léguas com o Arraial dos Couros, o qual tem uma capela. Na distância de nove léguas, confina com o Arraial pequeno na passagem chamada Santo Antônio de Montes Claros, no qual também se acha outra capela. Confina este dito Julgado de Santa Luzia em circuito, com o Julgado de Meia Ponte, Traíras, Cavalcante, Paracatu e Santa Cruz.

A Serra dos Cristais em que há tradição antiga de ter nela haveres, porém até agora se não tem descoberto ainda que nela se tenha feito algumas explorações, porém até agora se não tem descoberto coisas de valor.

O morro chamado de Palmital, aonde tem duas lavras de talho aberto, com dois regos, de águas tiradas de mais de seis léguas de distância, das quais são senhores e possuidores o Exmo. Coronel **João Pereira Guimarães** e seu sócio Capitão **Manoel Ribeiro da Silva**, e mais sócios, e de outra, **Vicente Gomes, Manoel Jorge de Carvalho**, e mais sócios.

O morro ou chapada... do dito Arraial de Santa Luzia no qual se acham duas lavras também de talho aberto das quais são seus donos o Capitão **Manoel Ribeiro da Silva, José Ribeiro Costa**, o Coronel **João Pereira Guimarães** e **Maria de Bastos Nerva**.

O rio chamado Corumbá no qual há tradição certa de quem tem ouro, e com capacidade para se fazerem serviços, no qual se não trabalha por ser infestado de gentio Caiapó, o que tem morto naquelas margens mais de cinquenta pessoas.

O ribeirão de Pamplona, o qual foi descoberto por **Pascoal Pamplona Valladão**, o qual há bastantes anos trabalhou o Capitão **José Pereira Lisboa, Francisco Alvares Pereira** e outros, os quais por fazerem limitados jornais e por ter também paragem infestada de gentio Caiapó se acha deserta.

Os ribeirões chamados de Santa Luzia e de Palmital foram e são os primeiros destas Minas os quais se acham lavrados e ainda hoje se trabalha nelas, ainda que são limitados os jornais que deles se extraem.

O ribeirão chamado de Santo Antonio dos Montes Claros no qual também se tem trabalhado e extraído ouro, que por ser alcantilado e dificultoso para se fazerem serviços se não tem continuado na sua extração.

Tem o dito Julgado quatro rios de canoas, a saber: **Corumbá, São Bartolomeu, São Marcos e Rio Preto**.

Tem o mesmo Julgado nas estradas principais que saem do dito Arraial de Santa Luzia para os mais confinantes, quarenta e duas pontes, a saber, do dito Arraial para o da Meia Ponte, dez; do mesmo Arraial para o dos Couros pela estrada da Contagem de São João, nove; saindo pela Contagem de São Bartolomeu para o sertão, nove; seguindo a estrada de Paracatu depois que se passa o Rio

São Bartolomeu, duas; saindo pela estrada que vai para o Julgado de Santa Cruz, duas; pela estrada de São Marcos que vai para Paracatu com outras mais particulares fora das mencionadas estradas, dez.

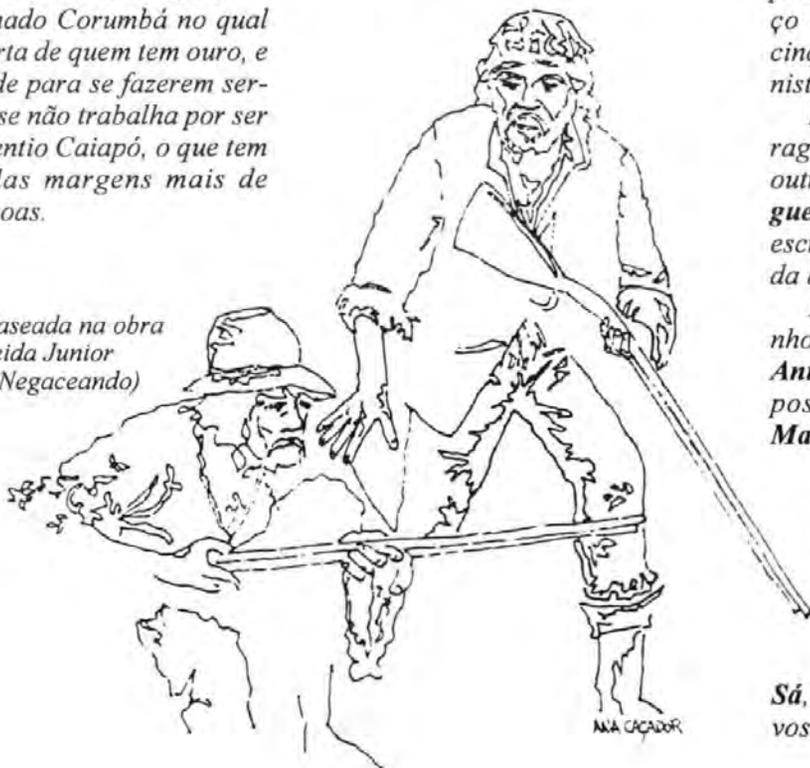
Tem o dito Julgado nove lavras em que se extrai ouro, a saber: no morro do Palmital, a lavra do Coronel **João Pereira Guimarães** em que é sócio com o Capitão **Manoel Ribeiro da Silva** em cuja lavra e em outra que os ditos sócios tem na chapada deste Arraial... entre ambos os sócios duzentos e oitenta escravos debaixo da administração de dois feitores **Manoel da Cunha Teles e João Miz de Moraes**. E a lavra de **Vicente Gomes** e mais sócios, os quais possuem setenta escravos trabalhando na dita lavra debaixo da administração de seus senhores. No ribeirão chamado Palmital se acha outra lavra da administração de seu senhor.

Na chapada deste Arraial se acha outra lavra de **João G. da Costa Torres** com trinta e dois escravos os quais trabalham debaixo da administração de seu senhor. Como também se acha a lavra do Capitão **Manoel Ribeiro da Silva, José Ribeiro Costa** e mais sócios da qual já acima se faz menção. Nas cabeceiras do ribeirão de Santa Luzia se acha outra lavra do Capitão **José Pereira Lisboa** com serviço de roda, o qual possui cento e cinquenta escravos debaixo da administração de seu feitor **José Alvares**.

No ribeirão de Santa Luzia na paragem chamada de Barreiro se acha outra lavra de que é Senhor **José Nogueira**, o qual possui trinta e quatro escravos os quais trabalham debaixo da administração de seu senhor.

Há no dito Julgado quatorze engenhos de moer cana, a saber: um de **Antonio Francisco de Araújo**, o qual possui quatro escravos. Outro de **Manoel Cavalheiro Lembria**, com dezessete escravos. Outro do Alferes **Manoel Dias Roriz**, o qual possui setenta e cinco escravos. Outro de **Manoel Jorge de Carvalho** com trinta e três escravos. Outro do Juiz Ordinário **João de Oliveira Roiz de Sá**, o qual possui vinte e dois escravos. Outro do Coronel **João Pereira**

Ilustração baseada na obra de Almeida Junior (Caipiras Negaceando)



Cláudio Monteiro
(PPS)



O folclore candango ainda está dando os primeiros passos. As pessoas que moram no Distrito Federal vieram de todas as partes do Brasil e trouxeram consigo as tradições culturais de suas regiões.

Os muitos problemas das cidades-satélites impedem que a cultura faça parte do cotidiano das pessoas. A Câmara Legislativa deve apreciar em breve projeto de lei que apresentei junto com a comunidade de Sobradinho criando o Centro Cultural naquela satélite, que apesar de sediar o pólo de cinema e vídeo, ainda não possui um Centro para difusão da cultura.

Rodrigo Rollemberg
(PSB)



O boi do Teodoro vai sair - ê boi! - levando para a praça, quadras e satélites, a alegria de índios, negros e portugueses. O boi do Teodoro vai sair com a bandeira encarnada de nossas esperanças.

Ele tem um encontro marcado com o teatro de bonecos, com a capoeira, com a mandala, o carnaval, a viola de cocho e caipira.

Neste encontro, a alma de nossa gente pioneira e candanga construirá um novo povo. Mais alegre e colorido. Que não cabe na definição pobre de naturalidade. O boi do Teodoro vai sair - ê boi!

As paisagens e os casarios coloniais de Luziãni contidos nas páginas 13, 16 e 18 foram baseados em desenhos de Tom Maia (1977)



Guimarães, o qual possui setenta e oito escravos. Outro de **Marinho Coelho de Siqueira**, o qual possui dez escravos. Outro de **Antonio Teixeira de Carvalho**, o qual possui quatro escravos. Outro de **Custódio de Souza e Silva**, o qual possui dezesseis escravos. Outro de **Lázaro de Melo Alvares**, o qual possui trinta e três escravos.

Tem mais três engenhos de pilões de fazer farinha de milho a saber, um de **José Gomes Bezerra**, o qual possui quinze escravos. Outro de **João Mártires Val**, o qual possui sete escravos. Outro do Tenente **Gabriel da Cruz Miranda**, o qual possui dezesseis escravos.

Todas as terras em que se acham situados esses engenhos são férteis e abundantes na produção dos mantimentos.

Julga-se que os escravos que se ocupam no exercício de faiscaidores poderão chegar a duzentos e quarenta, pouco mais ou menos.

Há no Arraial quatorze lojas de fazenda seca, entre maiores e menores. Há uma carregação de molhados. Há no dito Arraial setenta vendas ou tabernas. Há em todo o Julgado oitenta e uma casas de pessoas brancas. Há de pessoas pardas cinquenta e oito. Há de pessoas pretas e forras, vinte.

Acha-se o dito Arraial povoado com duzentos e vinte moradores cabeças de pais de famílias os quais todos se ocupam em seu serviço de porta a dentro duzentos e vinte e cinco escravos.

Todos os mais escravos que há em toda a Freguesia se ocupam... e no mais ministérios conforme os tratos de seus senhores.

Rende o Conselho desse Julgado duzentas oitavas de ouro um ano por outro. O rendimento dessa Freguesia pelo que pertence ao vigário por sua informação são oitocentos e tantos mil réis.

Toda a relação acima expressada está conforme o sentir dos mais antigos moradores deste Arraial”.

O documento, considerado que pode ser como verdadeira certidão de batismo de Santa Luzia, afasta, pois, toda e qualquer dúvida que pudesse existir em torno da identidade de seu glorificado fundador.

O fundador da cidade de Santa Luzia, segundo narra o historiador **Joseph de Melo Alvares**, seu biógrafo, era natural de São João de Atibaia, no estado de São Paulo, filho de **Francisco Correia de Lima** e **Joana Baptista Bueno**.

Bueno de Azevedo, que fora casado com **Maria da Rocha Bueno**, sem deixar filhos, consoante pesquisa feita pelos historiadores **Evangelino Meireles** e **Gelmires Reis**, em Almanach de Santa Luzia para o ano de 1920, compunha com seu pai, o Capitão-Mor **Francisco Correia de Lima**, a **Bandeira** do Coronel **Casaca de Ferro**, que explorava minas de ouro no interior do País e, durante quase dois anos, trabalharam, pai e filho, com o sertanista **José Rodrigues Fróes** nas minas de Paracatu, de onde partiu **Bueno** para terras goianas.

Narra o seu biógrafo maior que **Antônio Bueno de Azevedo** faleceu na cidade de Luziânia, a 12 de maio de 1771, pendurado de dívidas. Ouçam esta descrição do funeral do fundador de Santa Luzia, feita por **Joseph de Melo**: “Sem

recursos como estava para deliberar sobre o seu funeral, pediu a irmandade do Santíssimo Sacramento não só para dar ao seu cadáver uma sepultura na igreja matriz, mas ainda para acompanhá-lo, favor este que também pediu aos sacerdotes em geral. Felizmente o grande homem, cuja necrologia estamos escrevendo, achou depois de sua morte, na sociedade por ele criada, uma sociedade digna dele. Seu cadáver, envolto no hábito de São Francisco, do qual era irmão terceiro, foi inumado na igreja matriz no segundo dia de seu passamento, com toda a solenidade permitida pelas circunstâncias da localidade, e uma subscrição provocada por seus concidadãos produziu para a sua virtuosa e desolada viúva os recursos necessários para que ela não misturasse as lágrimas da viuvez com as lágrimas da miséria. (*História de Santa Luzia, pág. 102*)".

Mas, afinal, quem seria esse **João de Godoy**, de que fala **Luiz Palacin**, confundido com o fundador de Santa Luzia? Pesquisando o assunto, encontramos na História de Santa Luzia, de **Joseph de Melo Alvares**, a chave do mistério.

João de Godoy, cujo nome completo era **João de Godoy Silveira Pinto**, homem violento e arrebatado, apareceu em Santa Luzia no ano de 1752, vindo de Traíras e inquietando a população na chefia de um bando de capangas.

Diz o historiador santaluziano atrás referido que esse **João de Godoy Silveira Pinto**, no dia 3 de março de 1752, promoveu uma sedição no Arraial, de efeitos tão desastrosos que horrorizou a população já que as desordens se deram no interior da igreja, frente a uma grande massa humana que ocupava a sua praça frontal, em dia de festa religiosa.

Daqui para a frente, dou a palavra ao próprio **Joseph de Melo**, para completar a informação:

"O juiz ordinário, recebendo queixas reiteradas contra esses celerados que faziam os-

tentação dos seus vícios e das suas depravações, e considerando que não dispunha de força paga, e que não convinha de modo algum, expor a vida dos paisanos para expurgar o território da sua jurisdição, de gente tão perigosa, acusada de um sem número de crimes contra a honra, a vida e a propriedade, de crimes revestidos de tão hediondas circunstâncias, que revelavam a mais requintada perversidade e degradação moral, de acordo com o seu colega **Bueno** e outras muitas pessoas com quem se entendeu, expediu uma parada para Vila Boa, levando as ocorrências ao conhecimento do governador e solicitando as providências que elas reclamavam.

No dia 25 de março, pelas 11 horas da manhã, acabava a missa solene da Anunciação de N. Sra., e o povo evacuava a capela, quando aparecem inopinadamente nove capangas de **Silveira Pinto**, e dirigindo-se a um grupo onde estavam dois Oficiais de Justiça, com as divisas do seu ofício, lhes disse que tinham ali vindo para quebrar a vara do juiz ordinário nas costas dele.

Avisado o juiz ordinário, que se achava dentro da capela, assomou ele à porta frontal dela e ordenou a prisão dos ousados sediciosos que assim desacatavam a autoridade pública, na pessoa dele.

Tão grande era o ânimo da popu-

lação contra estes perturbadores que sem cessar insultavam-na, que não tinha ainda o juiz ordinário concluído a última palavra da ordem que dava, quando renhida e cruenta luta se travou entre oficiais de justiça, povo e capangas de **Silveira Pinto**, que no primeiro embate, a parede do frontispício da capela desabou para dentro, levando consigo os lutadores; o sangue espadanou pelas paredes num brado de pragas e blasfêmias, que convulso, surdo, rouco e medonho ressoou nas abóbadas da Casa do Senhor e repetido nos ecos foi morrer no baixadão do rio Vermelho.

Silveira Pinto, com o resto da sua gente a cavalo, saía do rancho para o lugar do conflito, mas avistando ao longe uma onda de povo que para o seu lado se dirigia, com berreiros que estrugiam os ares, e considerando o que é o povo em um acesso de furor, o que é o povo indignado e sedento de sangue, receiando que, se essa onda de povo avistada se precipitasse sobre ele, uma nova hecatombe tivesse lugar, pôs-se em debandada pela estrada do norte"...

Esta retificação histórica torna-se sobremodo útil e mesmo necessária, para desfazer a confusão entre o vulto ilustre e fidalgo, do verdadeiro fundador de Santa Luzia, de índole mansa, ordeira e laboriosa, descendente de **Amador Bueno** e de **Bartolomeu Bueno da Silva**, o **Anhangüera**, e a do bandoleiro e malfeitor que, à frente de desordeiros seguidores, saqueava vilas e povoados, levando a intranquilidade e o pânico às populações que se empregavam na faina dos garimpos.

O CICLO DO OURO - A procura de ouro constituiu a atração inicial, responsável pela fundação da cidade de Santa Luzia, e, por algumas décadas, representou a sua economia básica.

A notícia se espalhou e a nova povoação floresceu rapidamente, com a entrada de levas e levas de pessoas vindas de todos os pontos, atraídas pela paixão da riqueza fácil e fugaz dos garimpos.

Não há registro conhecido das estatísticas de ouro extraído das minas de Santa Luzia, mas conta-nos **Joseph**



O monjolo é peça fundamental ao homem do sertão até os dias de hoje

**Edimar
Pireneus
(PMDB)**



Quem, no Brasil, não se encanta ao ver passar o bumba-meu-boi nas ruas? Antiga tradição popular, o bumba-meu-boi está arraigado em nossa cultura, mas corre o risco de desaparecer, sob o peso do avanço da urbanização e da tecnologia, que traz com muita rapidez, para todos os lares, as informações, a cultura, as modismos de outras cidades, regiões e países. Por isso precisamos apoiar essa importante manifestação de nossa cultura popular, que no Distrito Federal ainda resiste, em Sobradinho, graças ao esforço de Teodoro e da comunidade.

**Jorge
Cauhy
(PMDB)**



Na minha luta em defesa dos mais carentes e das minorias, tenho dedicado especial atenção ao idoso. Entre outros fatores, os especialistas apontam a assistência médica e hospitalar e o trabalho útil como necessários para assegurar uma velhice saudável. Raros são os nossos velhos que conseguem manter um desses fatores. Para reverter essa situação, em conjunto com o deputado Marco Lima (PT), apresentei projeto de lei criando o Estatuto do Idoso do DF. É mais uma tentativa para dotar o Distrito Federal com uma política de assistência e valorização do idoso.

de Melo que “um ano ainda não era passado, e já um grande território, desde a cabeceira do rio Vermelho até à sua foz no São Bartolomeu; desde a cabeceira do Palmital até à sua foz no Corumbá, estava convertido em uma vasta lavra de muitas léguas quadradas, aberta à força do poder dos braços de milhares de homens, mulheres e crianças”.

Que o ouro era farto e abundante, não há dúvida. O documento que de início foi lido, informa, no somatório de suas descrições, a existência, naquela época, de cerca de 1565 escravos em Santa Luzia, assim distribuídos:

- nas minas de ouro	- 611
- na faiscação de ouro	- 240
- em faina doméstica	- 225
- na lavoura canavieira	- 489
Total	1565

Deste modo, segundo esse documento, a atividade aurífera ocupava o trabalho de mais de 850 escravos.

Conquanto o documento a que aludimos não contenha data, deve ser ele posterior ao ano de 1770, porque faz menção ao famoso **Rego do Saia Velha**, com mais de 30 quilômetros de extensão, para lavagem do cascalho aurífero nas “terras altas” do Rosário, e, segundo **Joseph de Melo**, esta obra foi concluída no ano de 1770.

O livro de **Joseph de Melo** abrange o período compreendido entre a fundação de Santa Luzia, em 1746, e o ano de 1775, ou seja, 30 anos de história. Não há, em sua narrativa, nenhuma alusão à decadência da mineração nesse período.

Por outro lado, assinala o aludido autor, que o ano de 1764 foi abundantíssimo na produção de ouro, que atingiu 13 (treze) arrobas e 23 libras. Por hipótese, pois, poderíamos admitir uma produção mé-

dia de 10 arrobas/ano, o que daria a produção de 300 arrobas nos 30 primeiros anos da cidade.

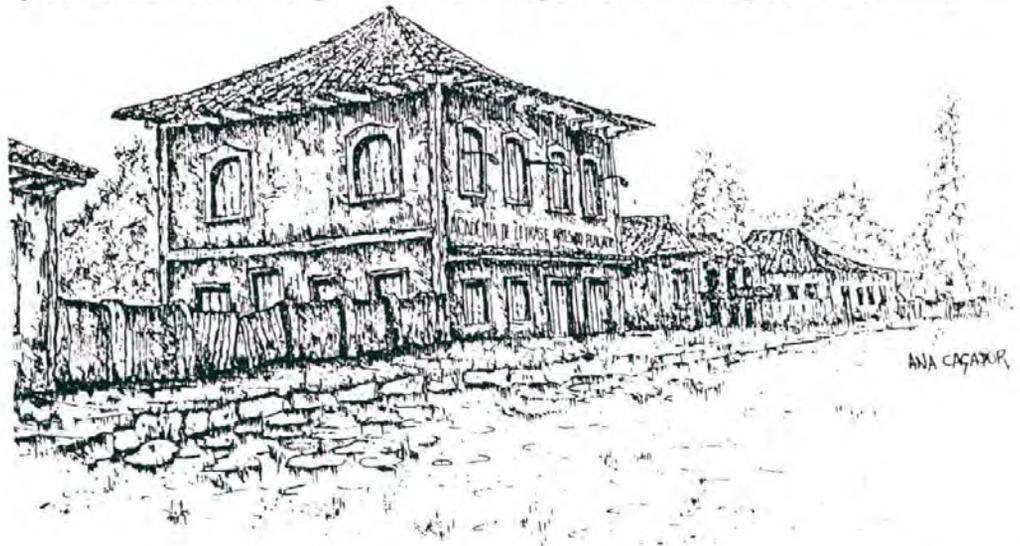
Essa estimativa ajusta-se aos cálculos indicados pelos pesquisadores do assunto. Com efeito, o próprio **Paulo Bertran**, em seu laureado livro *Introdução à História Econômica do Centro-Oeste do Brasil*, estima a produção de 150 gramas/ano por escravo, como a mais razoável e provável média de produção.

Assim, não é exagero estimar em 1000 o número de escravos nas minas de Santa Luzia, os quais, produzindo 150 gramas/ano cada um, fariam coincidir os cálculos de 10 arrobas/ano, de produção, o que foi suficiente para segurar a população, garantir a prosperidade e desenvolvimento do lugar e tornar definitiva e próspera a fundação de Santa Luzia, que, segundo a lenda, se deu ao luxo de oferecer um cacho de bananas de ouro à **Rainha Maria I** de Portugal, consoante assinala Joaquim Gilberto em *Apologia de Brasília* (Goiânia, 1960).

AGRICULTURA E PECUÁRIA - À medida que o ouro ia-se escasseando, começava a surgir, como alternativa, a economia de sustentação baseada na agricultura e na pecuária.

A agricultura canavieira, como vimos em linhas passadas, já chegara a empregar 50% da mão-de-obra escrava de Santa Luzia, nos quatorze engenhos que chegou a possuir; porém, houve um recuo, ante as proibições do governo, que desejava impedir a diversificação de atividades nas regiões auríferas.

Palacin elucida com muita clareza e propriedade esse ponto, dizendo: “As Capitâneas de Minas foram durante o sé-



culo XVIII Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Era interesse do governo - dentro da mentalidade mercantilista de especialização para a exportação, concentrar todo o esforço na produção do ouro; com essa finalidade, proibia ou dificultava outros ramos de produção. Poderíamos citar como exemplo, a proibição de engenhos de açúcar em Goiás".

Uma vez exauridas as minas de ouro, porém, a agricultura e a pecuária tornaram-se alternativas de sobrevivência.

Por falta de meios de comunicação, a agricultura permaneceu como economia de consumo até o advento de Brasília e, sobretudo até a imigração dos colonos gaúchos da atualidade. Somente a pecuária entrou, desde logo, na economia de mercado, com a comercialização de gado com Minas e São Paulo, já que o boi é autotransportável.

Das pequenas indústrias artesanais, a fabricação de marmelada tornou-se tradicional e famosa desde o início e foi-se impondo no mercado, malgrado os obstáculos conseqüentes da escassez de transporte. Ainda hoje é símbolo que identifica Santa Luzia em quase todo o País.

SANTA LUZIA - BERÇO DE CULTURA - Podemos dividir a história de Santa Luzia em dois períodos: antes e depois de Brasília, tão grande e significativa foi a transferência da capital da República para o nosso território. Também culturalmente esse marco é nitidamente significativo. Iniciemos pelo estudo do primeiro período.

O esplendor do período aurífero do século XVIII refluíu no século seguinte, transformando Santa Luzia em berço de cultura de grande prestígio no estado de Goiás. O primeiro vulto de relevo que aparece no seu cenário cultural e no cenário cultural do Planalto é o do Padre **João Teixeira Alvares**, no quartel inicial do século XIX.

Pouco se sabe a respeito da biografia de **João Teixeira**; contudo, os registros eclesiásticos de Luziânia assinalam sua presença como vigário da paróquia já em 1808, quando da vinda da Corte Real portuguesa para o Bra-



Ilustração baseada na obra de H. Bernadelli (Bandeirante)

sil. Que seja filho de Santa Luzia, parece não existir dúvida, ante os relatos de **Saint Hilaire** em sua *Viagem à Província de Goiás*. Ali se lê que a família de **João Teixeira** era bastante numerosa e que viviam em sua companhia a mãe, irmãs, várias sobrinhas e um irmão aleijado.

Quando ao valor intelectual e moral do vigário, deixemos que fale o próprio **Saint Hilaire**: "*Poderia ter-me posto logo a caminho, mas havia tanto tempo que eu não tinha oportunidade de conversar com um homem culto, que resolvi prolongar minha estada em Santa Luzia, a fim de usufruir da companhia do vigário. João Teixeira Alvares sabia latim, francês, italiano e espanhol; conhecia nossos melhores escritores do século de Luiz XIV e possuía uma seleta biblioteca com várias centenas de volumes, o que no país era uma raridade. Além de ser um homem instruído, bondoso e amável, ele era no clero brasileiro uma notável exceção, pois se achava imbuído do verdadeiro espírito de sua missão*".

A segunda grande expressão que teve Santa Luzia, no século passado, foi **Joseph de Melo Alvares**, autor da *História de Santa Luzia*. Sobre ele dei-

xei escrito o seguinte, na apresentação que fiz, de seu valioso livro: *O jornalista, escritor, historiador, advogado, farmacêutico, médico, comerciante, agricultor, pecuarista, político e administrador público que foi Joseph de Melo Alvares, nasceu na cidade de Santa Luzia (hoje Luziânia), a 19 de março de 1837. É filho de Modesto de Melo Alvares e Antonia Eufrosina de Mello, tendo-se casado com Carolina Rodrigues Barbosa no dia 1º de fevereiro de 1893. Os oito filhos que o casal deixou formam hoje uma descendência tão vasta, que parece trabalho quase impossível o seu levantamento perfeito e completo.*

Tendo cursado apenas a escola primária em sua terra natal, obteve, como autodidata, afirmação intelectual das mais destacadas no Brasil Central, recebendo, já em vida, o culto de verdadeiro Varão de Plutarco.

Despediu-se dos vivos no dia 6 de julho de 1912, cobrindo de luto toda a comunidade do Planalto, à época, que chorou a perda de um dos seus mais notáveis e operosos filhos, o seu autêntico suporte intelectual e moral.

O jornal O Planalto, periódico fundado por Evangelista Meireles e Plácido de Paiva, no qual Joseph de Melo Alvares publicou esparsamente o trabalho que forma este livro, divulgou, em sua edição de 13 de julho de 1912, longo editorial sobre o vulto ilustre que desaparecera na semana anterior.

Vereador durante seis legislaturas, juiz de paz por dois mandatos, intendente municipal por duas vezes, deputado provincial, o autor da *Descrição Histórica e Geográfica de Santa Luzia*, como parlamentar, obteve a aprovação do ato que elevou Luziânia à condição de cidade, em 5 de outubro de 1867. Como educador e humanista dirigiu a *Colônia Orfanológica Blasiana*, cujos relevantes serviços prestados aos menores desamparados de sua terra é reconhecido pelos cronistas da época. Como médico prático, fundou um hospital em Luziânia. Farmacêutico consciencioso e capaz, manipulava com probidade e sabedoria o seu laboratório. "*Advogado de uma competência e perspicácia extra-*

Marcos
Lima
(PT)



Estudo de um dos membros do Conselho da Rádio Cultura, o jornalista Paulo Miranda, aponta que a música brasileira sempre perde para as músicas em inglês na emissora. Aponta também que a nossa música só sobressai quando o programa é dedicado a algum brasileiro. Esse perfil precisa mudar. A música norte-americana, as bandas inglesas e grupos europeus têm o seu valor. Mas é preciso valorizar mais e mais a nossa música e os nossos artistas.

Luiz
Estevão
(PMDB)



A Câmara Legislativa aprovou, em 1º turno, projeto do deputado Luiz Estevão (PMDB) que reduz a alíquota do Imposto sobre Serviços (ISS), incidente sobre espetáculos artísticos e culturais realizados no DF. O projeto tramitou pelas três comissões e, em sua versão final, reduz de 5% para 1% o ISS cobrado de shows e outros eventos na cidade. Os promotores culturais sempre se queixaram das altas taxas incidentes sobre espetáculos, que sempre refletem nos custos dos ingressos.

ordinárias - narra o editorial do jornal O Planalto, atrás referido - os seus trabalhos neste sentido fazem honra à jurisprudência goiana, valendo a sua opinião nos complicados departamentos da ciência do direito, por verdadeiras sentenças.

O livro que ora é dado a lume parece ter sido o único escrito por **Joseph de Melo**. O seu texto foi trasladado, pelo apresentante, das páginas da coleção de 185 números, que compõem o jornal *O Planalto*, semanário que circulou de 1910 a 1915 em Santa Luzia. O resto da obra do autor se compõe de preciosos trabalhos forenses, inseridos nos volumes de autos da comarca de Luziânia e comarcas vizinhas.

Nos primeiros anos deste século surgem duas figuras exponenciais, duas fulgurações intelectuais que marcaram presença maiúscula nos meios culturais de Santa Luzia, com projeção no próprio estado de Goiás.

O primeiro deles foi **Evangelino Meireles**, nascido em 1882 e falecido em 1922. Genro e discípulo de **Joseph de Melo**, dele herdou a biblioteca e o gosto pelas letras. Em 1910, fundou o jornal *O Planalto*, que circulou ininterruptamente até o ano de 1915. Esse jornal constitui hoje rico repositório de informação histórica e literária da região.

Sobre a vida e obra de **Evangelino**, recomendo a leitura das conferências feitas por **Gelmires Reis**, **Baltazar dos Reis**, **Joaquim Gilberto** e **Benedito de Araújo Melo**, por ocasião das homenagens tributadas à sua memória, no cinquentenário de seu falecimento.

Evangelino, além de historiador, ins-

Dos rios de Goiás saíram toneladas de ouro para a casa Real de Portugal



pirado poeta e fecundo prosador, foi líder intelectual e político, jornalista de nomeada, o vulto mais representativo de sua geração, em Santa Luzia.

Os trabalhos literários de **Evangelino** acham-se publicados no jornal *O Planalto*, no *Almanach de Santa Luzia*, que organizou com **Gelmires Reis** em 1920, e em outros jornais de Goiás e do Triângulo Mineiro.

O segundo foi **Gelmires Reis**, nascido em 1893 e falecido em 1984, com 91 anos de idade. É o mais versátil e o mais fecundo de todos os intelectuais de Santa Luzia, conhecido em todos os meios culturais de Goiás, cuja Academia de Letras integrou.

Deixou perto de trinta livros publicados e vários trabalhos inéditos, como historiador, linhagista, contista, conferencista, poeta, articulista, cronista e folclorista.

Na década de vinte apareceram valores novos como **Joaquim Gilberto** e **Benedito de Araújo Melo**, literatos e homens públicos de expressão. O primeiro deles, professor e cronista urbano, orador brilhante e poeta sensível, nos legou páginas de beleza peregrina, dignas de figurar nas mais seletas antologias. O segundo, foi cronista dos usos e costumes rurais. São de beleza rara e de rica informação regionalista e folclórica as suas descrições sobre a plantação e poda do marmeleiro, a fabricação de marmelada, o pouso de folia e as festas religiosas no município, com seus cantos e rezas oitocentistas.

Na mesma época, surge **Baltazar dos Reis**, mestre-escola, poeta e prosador de grande mérito, juntamente com **Antônio Março de Araújo**, maestro e compositor de expressão em nosso meio.

Todos esses nomes citados formam o grupo dos notáveis, que batizei de **monstros sagrados** do nosso autodidatismo, porque nenhum deles cursou escola superior.

A partir do final da década de vinte do nosso século, começaram a surgir os intelectuais de formação acadêmica, entre eles, **Americano do Brasil**, **Joaquim Machado de Araújo**, **Simão Carneiro de Mendonça** e vários outros, até os atuais.

Luiz Manzollilo é escritor, poeta e crítico literário e um dos expoentes da nossa literatura. Atualmente em peregrinações mundo afora, Manzollilo com certeza está levando a literatura nacional e brasileira às alturas.

Nesta crônica publicada na antologia "Cronista de Brasília", uma edição deste ano da Associação Nacional dos Escritores, organizada pela escritora Aglaia Souza, trata da cultura de nosso país. Será que ela existe? Ou ela viceja apenas nas catacumbas? Leia e veja o que Manzollilo pensa sobre o assunto.

A cultura escorraçada

■ LUIZ MANZOLLILLO

Nem sei se devo. As amargas, não? Ou lutar para espancá-las, adocicá-las? O certo, sob o título ácido, é que um novo povo sem cultura não faz história, não emula no mundo, fica a reboque dos mais avançados. Talvez nem seja povo.

Se o Brasil tem cultura? Tem, sim, minha senhora. E muita. Da expressão mais popular à norma culta.

No Prêmio Nestlé de Literatura de 94, por exemplo, nos diversos gêneros, nada menos de catorze mil obras concorrentes. É uma expressão de pujança. O diabo (mau conselheiro...) é que a cultura tupiniquim viceja em catacumbas, pouco se ensolara, detenta em solitária. É, enfim, uma ejaculação recolhida (crua a imagem, mas suponho que precisa).

Veja a literatura. Outro dia adquiri, no Ivan, exemplar do World Almanac, alentada e tradicional publicação norte-americana. Escritores de todo canto ali estão verbatizados - americanos, ingleses, alemães, espanhóis, italianos, russos, árabes, hispânicos, suecos, africanos. Do Brasil, zero. Mas nem o Amado (só citado no capítulo das personalidades mundiais)? O Veríssimo? O Lobato? O Rosa? Nem mesmo o Machado? Sequer o João Cabral, ganhador recente de importante prêmio no próprio país de Updike? Pois é, minha senhora, dá o que pensar, não é? Mas não será culpa nossa? Afinal, nossas Academias e Associações se comunicam com editores e veículos? Se divulgam?

Aí está o reflexo maior de uma cultura desaculturada: tirante o futebol (exportado para o consumo mundial, assim como laranjas, frangos, carne, café - e

... mulheres), sofremos de nanismo elitista cultural (crônico), entropia que leva de roldão o próprio conjunto da nacionalidade. Entenda por nanismo elitista a microscópica presença da cultura em duas restritíssimas cama-



César
Lacerda
(PTB)



Apresentei na Câmara Legislativa o Projeto de Lei 720/95, que determina a fixação de obras de arte em edifícios construídos no Distrito Federal. Com isso, em todos os prédios edificadas com área superior a dois mil metros quadrados deverão constar obras de valor artístico, sem as quais não serão concedidas as competentes cartas de habite-se.

Quero com esse projeto propiciar a valorização da arte e do artista brasileiro e ao mesmo tempo conferir uma maior beleza aos edifícios aqui construídos.

Peniel
Pacheco
(sem partido)



Acho importante destacar o papel de Brasília como ponto de concentração da cultura nacional, quando assistimos à realização do I Encontro da Cultura Brasileira aqui na capital federal. Enfim, os mandatários de nosso País começam a perceber que, apesar de seu berço descompromissado com essa ou aquela corrente cultural, Brasília começa a surgir como ponto de convergência das mais diferentes e peculiares manifestações culturais existentes nesta Nação e que será sua função, no futuro, irradiar para o mundo a verdadeira cultura nacional, que já vai nascendo, como resultado da miscigenação dessa imensa diversidade.

das da sociedade: mas, por se locupletar em tudo, tem acesso a tudo; outra, por se obstinar, luta para alcançar o ralo e caro produto cultural. No mais, que fazer, se nem ao menos as crianças são educadas na leitura?

Vejamos alguns exemplos. Um poeta amigo, Fernando Mendes Viana (grande vate do *Cavalo Verde*), acadêmico, aposentado bem posto, certa vez elencou obras necessárias para pesquisas. Foi a livrarias, consultou catálogos, orçamentou. Resultado: não dava, muito caros. Não poderia comprá-los, mesmo à prestação os juros seriam imensos e lhe corroeriam o caixa: os preços da capa iam pela estratosfera, sob a sanha dos cartéis papaleiros hiperinflacionários.

Outro, o maestro Ted Moreno (ex-Globo), de larga nomeada, espera (como Jacó) que lhe entregassem, na Fundação Cultural, a batuta de uma idealizada Grande Orquestra Popular, proposta de Newton Rossi. Que seria "cif"; ou seja, os músicos receberiam apenas cachês. Tudo simples e de grande apelo popular: correriam praças, escolas, satélites, entorno, estados. Só recentemente (falo de maio de 94) a Fundação Cultural aprovou o projeto. A fórceps. O maestro esteve a pique de desistir (e nós, cortesãos provincianos, quase a perder um projeto capaz de sacudir o marasmo cultural oficial...).

Há inúmeros escritores, por outro lado, honrando as letras de Brasília, com uma ruma de prêmios nacionais e internacionais digna dos maiores centros urbanos, daqui e d'alhures. Ainda agora, Patrícia Bins, carioca da Academia de Letras do Brasil, abiscoitou o prêmio de novelas da Brasileira e Antonio Carlos Osório, da Academia Brasileira de Letras, o de oratória e retórica. Ao contrário das outras artes e dos esportes, que daqui exportaram os Oswaldo Montenegro, Piquet, Françoise Fourton, Tande, Denise Bandeira e Pipoca, na luta por suas carreiras, os escritores da "corte", há décadas, declararam o seu "fico". Por que, minha senhora? Ora, simples (embora trágico): se não logram a comercialização de sua literatura, a menos profissional das atividades intelectuais bra-



sileiras, o que fazer? É tocar as suas profissões alimentares, afinal, comer é preciso...

Conto-lhe uma anedota, digna senhora. Certo escritor foi a uma feira no exterior e, apresentado a um leitor curioso pelas letras brasileiras, respondeu perguntas sobre gêneros, estilos, edições, prêmios. Wonderful! - exclamou o sanguíneo primeiromundista. Comprou-lhe diversos exemplares, aliás, da Thesaurus daqui. Impando de orgulho, o escritor voltou ao Brasil e, no internacionalíssimo Galeão, onde pululam os vips, foi apresentado a um grupo de patricios tais. Diante de alguma indiferença dos circunstantes, o amigo elogiou-lhe o estilo, a alentada produção, os prêmios, os galardões acadêmicos. Ao que um dos bocejantes interlocutores indagou: "Mas, qual é mesmo a sua profissão?"

Quem é Diacuí? E a revista *O Cruzeiro* ainda circula nas bancas? Diacuí, a índia que veio da ilha do Bananal em Goiás, já morreu, e a revista que tanto marcou a vida nacional já não existe mais.

Mas qual o porquê dessas perguntas? É que essas personagens povoaram por muito tempo, lá pelos anos cinqüenta, as conversas nas esquinas e até nas alcovas. A história foi buscada lá do fundo do baú pelo escritor, poeta e pesquisador Danilo Gomes.

Diacuí

(Ao cronista
Aécio Amado)

■ DANILO GOMES

Quem orça hoje, como eu, pela casa dos cinqüent'anos, e lia a revista *O Cruzeiro*, do inovador e criativo Assis Chateaubriand, lembra-se, certamente, do nome quase mítico e lendário da índia Diacuí, da tribo calapalo.

Aquela história, para nós, meninos, e mesmo para os adultos, no tradicionalista interior mineiro, era um assombro: o casamento de uma índia, de uma remota etnia, com um branco, funcionário do Serviço de Proteção ao Índio-SPI, Ayres Câmara da Cunha. O romance foi uma novela, que agitou a opinião pública nacional.



*"Rosto largo,
sorriso
cativante,
era bonita e
muito
simpática"*

*Ilustrações baseadas em desenhos do livro
"A viagem pitoresca e histórica" de
Jean Baptiste Debret, volume I*

Corria o mês de dezembro de 1952 e o *Velho Capitão* Chatô, na sua febre de tudo fazer e acontecer, e após uma série de reportagens de enviados especiais ao Xingu, apadrinhava o casamento da índia sorridente com o sertanista "boa pinta".

O caso é que Ayres, depois de viver trinta anos com a tribo calapalo, apaixonou-se pela princesa Diacuí, filha do

Antonio José (Cafu) (PT)



A cultura popular é uma das mais ricas manifestações de brasilidade. Ela mostra, em detalhes, a origem da nossa formação: somos um povo originário de várias regiões do planeta e, portanto, carregamos informações culturais que exibem esta diversidade. O bumba-meuboi, que tem raízes na mãe África, é um desses típicos exemplos de nossa origem cultural. As cavalhadas - espetáculo tradicional aqui no Centro-Oeste brasileiro -, também tem origem na África, com as tradições mouras. A pluralidade de nossa formação mostra como soubemos aproveitar o que de melhor existe nas manifestações culturais dos povos.

Manoel de Andrade (PMDB)



Durante uma semana, na primeira quinzena de novembro, voltou a acontecer o Festival de Cinema de Brasília. É um evento todo especial para a cidade e, sobretudo, para o cinema brasileiro. O festival, uma tradição que virou referencial da produção cinematográfica brasileira - uma espécie de termômetro do que está sendo realizado ou não no setor - é também uma oportunidade de agitação cultural na cidade. Independente da facção política que esteja à frente do Governo do Distrito Federal, o Festival de Cinema é sempre um período importante e bem-humorado em Brasília.



“Tudo parecia uma história com final feliz, como nos velhos filmes de Hollywood”

cacique Komatz. Rosto largo, sorriso cativante, era bonita e muito simpática.

O Serviço de Proteção ao Índio negou permissão para que o guapo Ayres se unisse à índia, alegando que o casamento seria uma violência cultural contra ela. Era o parecer dos precavidos técnicos do SPI. Chateaubriand, então, entrou na dança: resolveu patrocinar o casório, divulgando o romance e, por fim, levando os noivos, em seu Cadillac conversível, até a Igreja da Candelária, no Rio, para as bênçãos cerimoniais.

Tudo parecia uma história com final feliz, como nos velhos filmes de Hollywood, que a gente via no Cine-Teatro Central, do Sr. João Trópia (lembra-se, Décio, lembra-se, Marilda?). Mas não foi assim que estava escrito no grande livro do Destino. Diacuí morreria dez meses depois do cinematográfico casamento, durante o parto, numa clínica do Rio de Janeiro. A filha recebeu o mesmo nome da mãe famosa.

Passaram-se os anos, muitos anos. Diacuí tornou-se uma sombra do passado, de volta aos mistérios do Xingu. O tempo, implacável, fabricou novos ídolos, novas estrelas, outras histórias novelescas. De minha parte, pensei até que o bravo sertanista Ayres já não estivesse no mundo dos vivos. Mas está vivo, felizmente, neste mês de março do ano da graça de 1995. 43

anos depois de seu casamento com a doce princesa indígena, flor dos calapalos. Segundo o jornal gaúcho *Zero Hora*, de Porto Alegre, edição de 17 de março, ele se sente orgulhoso de ter sido o primeiro homem branco a casar-se, legalmente, com uma índia, no Brasil. O sorriso ingênuo e bonito da princesa da floresta jamais se perdeu na lembrança do velho gaúcho que um dia viveu uma aventura singular.

Há tempos, em homenagem à personagem que *O Cruzeiro* alçaria à condição de estrela, ergueu-se, em bronze, um monumento com a sua figura, no Alto Xingu, às margens do célebre Rio Kuluene. O sonho do sertanista apaixonado é transferir esse monumento para a cidade gaúcha de Livramento, onde ele mora, com a idade de oitenta anos. Esse feito será - diz Ayres - a derradeira obra de sua vida. O velho viúvo está tentando, junto à Força Aérea Brasileira-FAB, trazer a escultura de Diacuí, lá do fundo da floresta encantada, para perto de si. Quer ter a figura de sua amada bem perto de suas mãos e de seu coração, na hora inevitável da cerimônia do adeus final.

Após 20 anos da morte de Érico Veríssimo, a família do escritor gaúcho autorizou a impressão de um livro inédito do autor, em língua portuguesa: *Breve História da Literatura Brasileira*, da Editora Globo.

Acompanhando a onda nostálgica dos remakes e reedições com sabor de "novo", encontramos também um texto inédito de Veríssimo que só foi publicado em 1976, na *Revista Paralelo*, editada em Porto Alegre (RS), um ano após a sua morte.

No texto, Veríssimo mexe em caixa de marimbondos: fala sobre o machismo do gaúcho. Ele nos apresenta de forma bem-humorada a decantada valentia dos pampas, ora em forma de causos ora em comparações com outros tipos de machos, inclusive os que Hollywood mistificou. O escritor gaúcho, ao final, nos faz uma preocupante constatação: "o machismo não deixa de ser uma espécie de neurose, uma medalha de herói em cujo verso se pode descobrir um homossexualismo latente". Veríssimo falou, está falado!

MACHISMO

■ ÉRICO VERÍSSIMO

O machismo tem - parece-me - pelo menos duas conotações importantes: uma é a hombridade, da bravura pessoal e a outra, a da potência sexual. Costumam aparecer juntas nos homens que proclamam seu machismo, mas não raro encontram os casos em que um sujeito se gaba de sua coragem física (quebrei a cara de um fulano, enfrentei sozinho a facção dois bandidos ao mesmo tempo e levei a melhor, não levo desaforo para casa, etc...) não raro para esconder alguma fraqueza de natureza sexual. E vice-versa.

O machismo dos ingleses é discreto. Entre eles não é considerado de bom tom ou bom gosto contar atos de valentia ou proezas sexuais. Já os franceses cultivam um machismo patrioteiro, ao som da *marselhesa*, tudo isso em meio de bandeiras e condecorações. Quanto ao sexo, acham que ninguém no mundo sabe fazer amor com mais requinte e imaginação que eles. Mas a verdade é que seu machismo é mais sofisticado do que o nosso.

Quando estive no México ouvi

Ilustrações baseadas em desenhos de José Larzelotti (In Brasil História, Costumes e Lendas, Editora Três)

esta frase: "Los Americanos son bon maridos pero malos amantes. Los gringos son muy debiles. Los machos somos nosotros". Creio que se pode afirmar que é na chamada América Latina que se encontra o machismo mais exacerbado. Para esconder o quê? Talvez em parte nossa condição de países subdesenvolvidos ou em processo de desenvolvimento (sou pobre em dinheiro mas rico em coragem). Ou será principalmente por causa do nosso cáldido temperamento meridional?

Sinto que estou fazendo uma digressão inútil. Creio que querem que eu fale no machismo gaúcho. O Rio Grande do Sul tem sido, de acordo com a história escrita e oral (ambas impuras, com grande conteúdo mítico) um viveiro natural de machos. Até que ponto isto é verdade? Do pon-



to de vista sexual não é fácil responder esta pergunta, se a queremos atualizada. Ainda não tem os estudos do tipo relatório Kinsey entre nós. Quanto ao lendário *Centauro dos Pampas*, bom, só entre nós. Bom, só agora se começa a contar a história do nosso Estado sem os mitos tradicionais que tendiam a dar a entender ao resto do Brasil que nós, os gaúchos, mantemos o monopólio da coragem e que gaúcho é sinônimo de bravo, forte e impetuoso.

Creio que em doses variáveis, o machismo existe em todas as sociedades humanas. Que é que nós temos mostrado durante quase meio século nos filmes de Hollywood, especialmente aqueles cujas estórias se passam no *far-west*, senão a grandeza do

Edmar
Cordeiro
(PSDB)



O Brasil é um dos poucos países do mundo que não valoriza seus heróis. O trabalho de nossos combatentes da Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial, por exemplo, passa às margens do aprendizado escolar. Para resgatar parte deste importante momento de nossa história, é necessária a construção em Brasília do Monumento ao Soldado Desconhecido. É inaceitável que os chefes de estado que visitam nosso País tenham que se deslocar ao Rio de Janeiro para cumprir o ritual de homenagem aos nossos heróis.

Renato
Rainha
(PL)



As tradições culturais de um povo são parte integrante do dia-a-dia de toda a população. Um povo sem cultura perde sua identidade e por isso é de fundamental importância que todos lutem pela preservação das manifestações folclóricas. Brasília, como capital de todos os brasileiros, tem aqui representadas diversas culturas, dos mais distintos rincões. O bumba-meu-boi, como não poderia deixar de ser, também está presente através do "bumba do Teodoro", de Sobradinho.

macho americano, impávido, generoso e nobre? Quanto ao sexo, só recentemente, talvez por influência do cinema europeu, é que os heróis dessas estórias cinematográficas estão mostrando, pelo seu interesse pelas atividades sexuais, que não são basicamente diferentes dos outros mortais. Essas estórias que se contam sobre frieza das *raças nórdicas* não passam de pura balela.

Mas voltemos ao Rio Grande do Sul. Nosso Estado é uma fronteira. Foi durante mais de cem anos o mais sangrento dos campos de batalha do Brasil. Em setenta e sete anos tivemos no mínimo onze guerras e revoluções. Era natural que se formasse aqui uma sociedade em que só podiam sobreviver os fortes, os bravos. Nossa paisagem de horizontes largos, planícies e coxilhas a perder de vista não propiciou o aparecimento de lendas e isto explica nossa pobreza folclórica. Com exceção da bela lenda do Negrinho do Pastoreio e mais duas ou três outras, o resto são lendas espanholas de sabor mouro que nos chegaram via Argentina e Uruguai, dois países com os quais temos uma cultura gauchesca. (Sinto que ao fazer estas afirmações eu esteja assinando um cheque ao portador, sem saber se tenho fundos). Assim, o nosso folclore é uma espécie de subproduto da nossa história ou, antes, teve sua origem nos *causos* que gaúchos andejos contavam ao pé do fogo, nos galpões ou acampamentos militares, nos bolichos de beira de estradas, em suma, onde quer que se encontrasse um grupo para beber cachaça ou jogar truco; eram estórias que se diziam haver presenciado ou ouvido de outras bocas, a respeito de atos de bravura de *patricios* cujos nomes sabiam ou ignoravam. Assim foram nascendo os nossos heróis (e entre eles os nossos bandidos, os que tinham a coragem de passar a faca no pescoço dos prisioneiros, após os combates).

A literatura encarregou-se do resto, romantizando o tipo e tratando de explorá-lo para o resto do país. Esses *causos* exaltavam outras qualidade que passaram a pertencer - acredito que na maioria dos casos por motivos legítimos - ao gaúcho, a saber: cavalheirismo, lealdade, desprendimento, repúdio à emboscada, à traição, insistência em atacar o inimigo de frente, de cara. Mas a verdade é que, postas todas estas qualidades e defeitos no caldeirão do tempo e mexidas e remexidas, obtinha-se uma mistura final cuja característica se definia numa palavra: macho. Na nossa campanha, alguns até por ênfase pronunciavam-na à maneira castelhana: *matcho*.

(Para os que queiram ter uma idéia do tipo gaúcho, de seu linguajar e de sua psicologia entre fins do século passado e o primeiro decênio deste, recomendo os incomparáveis *Contos Gauchescos* de Simões Lopes Neto).

O gaúcho parlatão, que vive proclamando aos quatro ventos a sua hombridade, esse é um produto caricatural - em alguns casos vítima de uma literatura regionalista falsa. O que

não se pode negar é que existiu - e ainda sobram aqui e ali resquícios de uma mentalidade gauchesca. Era natural também que nas muitas revoluções (a dos Farrapos teve belas páginas mais consentâneas com a reputação dos homens deste extremo sul do Brasil), especialmente a de 93 - entre maragatos e picapaus - também se praticassem atos de crueldade inomináveis. Delas saíram para a história (ainda muito tímida e omissa nesse particular) e para o folclore, figuras sinistras de bandidos cujas *proezas* eram de certo modo admiradas, pois até hoje há uma curiosa tendência popular de achar que a coragem pessoal dum indivíduo pode redimi-lo de seus crimes e atrocidades.



O poeta Vargas Neto, excelente papo, costuma contar o *causo* dum tal de Andriano Sutil das Dores, preto valente, e um preto valentão, herói de muitas revoluções e duelos. Tendo de se submeter a uma operação de certa gravidade, quando já se achava na mesa de operações, prestes a ser cloroformizado, olhou para o cirurgião que empunhava o bisturi e lhe disse: "*Doutor, esse vai ser em toda a minha vida o primeiro talho que não defendo*". Por alguma razão que desconheço, Bagé adquiriu no Rio Grande do Sul a fama de ser o berço de gente dura e brava. Conta-se que num trem que vinha do Rio para São Paulo, um passageiro entregou petulantemente ao condutor o seu bilhete espetado na ponta de uma adaga, assim com arzinho de provocação. O condutor puxou do bolso um revólver, picotou o bilhete com dois tiros, devolveu-o ao viajante e disse, no mesmo tom: "*Eu também sou de Bagé*". É muito conhecida entre nós a expressão bageense: "*Para nós, talho de palmo é vacina*".

Conheci um gaúcho que amava as revoluções e que costumava ficar de pé na linha de fogo, indiferente às balas que passavam zunindo perto dele. Quando um companheiro lhe gritava: deite-se major, que a coisa está feia, ele retrucava: "*Não sou lagarto para andar de barriga no chão*".

Quanto às proezas sexuais, creio que quem se gaba delas e as proclama com mais frequência e orgulho (e também com espírito estatístico) é o gaúcho urbano. O do campo é muito discreto e *casual*, nesses assuntos.

Já li e ouvi dizer que nos meus romances que formam a trilogia intitulada *O Tempo e o Vento*, procurei justificar e/ou glorificar o machismo gaúcho. Nada mais errado. Minha intenção foi outra e muito mais complexa. Tipos como o capitão Rodrigo existiram e talvez ainda existam, embora em menor número, hoje em dia. Tinham o pitoresco e suas boas qualidades a par de suas preocupações com o *machidão* (existe esta palavra?). O que o leitor encontrará nesses meus livros, em maior número, é o homem do Rio Grande do Sul que tem a coragem si-

lenciosa, varões que jamais sentem a necessidade de provar que são homens. Secos, reservados, detestam as frases e os gestos teatrais. E que dizer da galeria de mulheres da referida trilogia? Essas são as grandes figuras heróicas de *O Tempo e o Vento* - modelos de coragem no dia-a-dia, constituíam o chão e o repouso dos guerreiros, foram o elemento vertical na povoação do Rio Grande do Sul. Ana Terra um dia apanhou uma arma de fogo e abateu o índio que se debruçava com *malas intenciones* sobre o berço de seu filho. O selvagem baqueou morto, mas Ana não gostava que lhe lembrassem essa passagem de sua vida.

Seja como for, o Rio Grande mudou nestes últimos cinquenta anos. Um novo herói está surgindo: o empresário, o industrial, o técnico. O rá-

dio e a televisão estão pouco a pouco dando uma unidade à língua portuguesa que se fala no Brasil ou então um intercâmbio de termos entre todos os nossos estados. As estradas de cimento asfáltico propiciam o aparecimento de novas povoações em que a bomba de gasolina aparece como elemento de primeira necessidade. De estanceiros sei que já param rodeios de dentro de jipes.

Creio que o machismo - repito - existe em todos os agrupamentos humanos. O que difere é a maneira como ele se expressa e que depende do temperamento de cada grupo social ou de cada indivíduo. No Brasil existe o machismo gaúcho, o nordestino, e assim por diante. Pensem na pitoresca literatura de cordel, tão rica nos estados do Nordeste brasileiro e que conta a história de heróis e bandidos, de amor e perdição, de santos e profetas, do povo, de cangaceiros, coronéis, vaqueiros, etc.

Para terminar quero contar mais uma pequena estória. Uma vez há muito tempo, num bolicho onde gaúchos melenculosos e bombachudos encontravam-se a beber, um desses pôs-se a olhar com insistência para o sujeito que estava sentado sozinho a uma mesa próxima. Sentindo-se assim observado, o desconhecido ergueu a cabeça e alteando a voz perguntou: Por que é que está me olhando, moço? O outro respondeu: "*Por nada. Desculpe*". Pouco depois tornou a mirar fixamente para o solitário que, depois de lhe lançar olhares furibundos, não se conteve, ergueu-se, puxou o revólver e meteu cinco balaços no corpo do imprudente. Levado ao delegado de polícia foi interrogado. Por que foi que baleou o homem? E o assassino, sem remorso, ainda indignado com a vítima, rosou: - "*porque ele estava me olhando como se eu fosse uma mulher. Sou macho e quem duvidar disso me experimente*".

Contei essa estorinha para ilustrar a idéia de que, na minha opinião, o machismo não deixa de ser uma espécie de neurose, uma medalha de herói em cujo verso se pode descobrir um homossexualismo latente.



O exemplo de Madri

■ ROMÁRIO SCHETTINO

**Tadeu
Filippelli
(PMDB)**



*Brasília é cabeça,
pensa, decide e faz.
Mas cabeça da alma,
dos brasis brasileiros,
como quis Darcy Ribeiro.
Brasília vai da
Ceilândia ao Chui,
do Oiapoque ao batuque,
aos meninos da Aruc.
Tem boi-bumbá de Sobradinho,
mandacaru, roque, pato no
tucupi,
frevo com chimarrão.
É a folia dos estados, torre das
nações.
Aqui os herdeiros de Zumbi,
os peris e tupis,
os povos da "Europa, França e
Bahia",
são filhos do mesmo cacique J.K.
Brasília é o tempero da raça,
o caldeirão da mistura,
da feijoada completa,
chamada Brasil!*

**Benício
Tavares
(PMDB)**



*O mundo cultural ressent-se
do apoio mais contundente do
Estado às produções artísti-
cas. Há sempre lugar para o
discurso da panacéia - e
sempre existe um orador de
plantão. Mas muito pouco se
faz de efetivo, nesse deserto de
estímulo. O III Prêmio de
Cultura merece ser destacado,
especialmente pela seriedade
com que é conduzido o
trabalho. Espaços como o DF-
Letras e incentivos da iniciati-
va privada como a premiação
são referências para propostas
governamentais, que precisam
acompanhar o patamar de
qualidade da cultura nacional.*

Em Madri, as palavras de ordem são: reforma, descentralização e municipalismo. Os espanhóis estão empenhadíssimos na modernização do Estado com a perspectiva de agilizar o serviço público e, ao mesmo tempo, solucionar problemas políticos regionais, como os da Catalunha, Galícia e do País Basco, onde o sentimento nacionalista é muito forte e, às vezes, bastante explosivo. Estas regiões são constituídas por povos distintos, com línguas e costumes próprios, unidos à força, no passado, por regimes totalitários.

Para diminuir os perigos do centralismo e da conseqüente reação, o Estado espanhol introduziu mudanças na Constituição e passou a distribuir melhor os recursos financeiros e as competências administrativas. Além das 50 províncias existentes, criaram 17 comunidades autônomas, que já podem legislar sobre uma série de áreas antes restritas ao Parlamento. Na área cultural, várias atividades nacionais estão sendo transferidas para as administrações regionais. As comunidades estão, por exemplo, autorizadas a distribuir canais de rádio e televisão. Embora estejam em fase de transição, a regionalização da produção cultural e jornalística é uma realidade. As rádios comunitárias, ou livres, funcionam plenamente e são administradas por associações culturais, prestando serviços de informação com independência e participação popular.

No novo modelo, a Comunidade de Madri passa a ter poderes para manter relacionamentos internacionais, o que não era permitido. Enfim, a Espanha se reorganiza para cumprir um papel fundamental na Comunidade Européia: ser a ponte com a América Latina, através da língua e de interesses comuns. Uma espécie de contraposição aos monopólios nas relações internacionais após a queda do Muro de Berlim.

A União das Cidades Capitais Ibero-americanas - UCCI, uma entidade presidida pelo prefeito de Madri, vem promovendo cursos de gestão pública há vários anos. Em novembro de 95, ela convidou cerca de 50 representantes de municípios capitais ibero-americanas, das áreas de informática, serviços sociais e cultura. O curso de Gestão Cultural da UCCI incluiu um apanhado da administração cultural madrilenha e uma importante troca de informações entre as prefeituras ibero-americanas.

Durante os debates, os madrilenhos falaram sobre o processo de transição em que estão vivendo, destacando a sua forma parlamentarista de pensar e agir, diferente do Brasil republicano e ferrenhamente presidencialista, onde é preciso fazer modificações urgentes e profundas nos sistemas eleitoral e administrativo. Para se ter uma idéia do que significa a descentralização e o municipalismo em Madri é necessário citar uma revista publicada pela UCCI. O seu presidente, José Maria Alvarez Manzano, afirma categorica-

mente que "no mundo atual, acima das discrepâncias entre os estados, as cidades podem ser pontes de colaboração direta, sem estar submetidas a pressões, muitas vezes lógicas e legítimas, dos governos nacionais. Os estados podem ver alteradas suas fronteiras, inclusive desaparecer, mas sempre ficam as cidades". Este sentimento municipalista está, evidentemente, contextualizado na Espanha, um reinado parlamentarista composto de povos diversos e dono de uma tradição milenar e rica.

O lado moderno desta nova maneira de ver do mundo não chega a ser grande novidade, mas permite vislumbrar que estão no caminho certo. A revisão do Estado inclui as parcerias com a sociedade civil organizada, tanto no campo do patrocínio como no da administração direta de espaços culturais públicos. A Orquestra Sinfônica de Madri, por exemplo, não é um órgão de funcionários públicos, mas uma entidade civil privada que mantém contrato de gestão com o Governo. O Estado repassa recursos e a associação se compromete a realizar concertos no decorrer do ano. Esta situação dá agilidade administrativa e amplia as possibilidades de trabalho de uma orquestra, que pode gravar discos, comercializar seus produtos e, conseqüentemente, remunerar melhor seus músicos. Um pequeno teatro, do século passado - tudo na Espanha tem duzentos, trezentos ou quatrocentos anos - na pequena cidade de San Lorenzo de El Escorial, é propriedade privada, mas mantido com subvenções da prefeitura.

A força e a importância dos municípios estão vinculadas também à maneira de escolher os seus vereadores. O espanhol vota em listas de candidatos oferecidas pelos partidos políticos. *O primeiro da lista é o prefeito e o presidente da Câmara de Vereadores.* Obtendo maioria, o partido governa sozinho atribuindo aos vereadores responsabilidades executivas. Assim, o vereador eleito pode ser também o secretário de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo, trabalho pelo qual não recebe salário, mas ajuda de custo. O prefeito, ouvido o Conselho de Governo, nomeia os funcionários de confiança, que executam as políticas definidas no programa submetido ao voto direto. O fato é que Legislativo e Executivo atuando em harmonia, na prática, traz benefícios concretos. Só que na Espanha isto é real, nos dois sentidos.

A participação de Brasília na UCCI é proveitosa sob todos os aspectos. Seja ampliando as possibilidades de cooperação e intercâmbio, seja levando nossas políticas a um nível internacional, compatível com o status de Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade.

*Romário Schettino, secretário adjunto
de Cultura e Esporte do DF*

Bolsa

Foi lançado, no Rio de Janeiro, o Programa de Aperfeiçoamento em Artes no Exterior (APARTES). Em 1996 serão 50 bolsas para jovens em início de carreira nas artes plásticas, música, teatro e cinema. A bolsa terá duração mínima de sete meses e máxima de dois anos. Inclui mensalidade, auxílio instalação, seguro saúde, passagens aéreas e taxas de curso.



Mousinho

O coordenador de consórcios de livros, do Departamento Literário da Associação de Assistência ao Servidor da Fundação Educacional do DF (Asefé), Ronaldo Mousinho, nos dá conta de que há cinco grupos de consorciados em pleno funcionamento. E há previsão de que um outro seja fechado dentro em breve. Cada grupo tem de 20 a 30 integrantes. Desde 1989, o consórcio de livros já publicou 71 livros dos mais variados temas, prevalecendo o gênero poesia.



Fotografia

As inscrições para o 3º World Press Photo estão abertas, somente para fotógrafos profissionais, por trabalhos realizados em 1995. Informações e formulários de inscrição podem ser obtidos pelo telefone (061) 321-4769, com Irene Bastin, assessora Cultural e de Imprensa da embaixada da Holanda.



Crianças do Lixão

Antunes

O irrequieto maestro brasileiro Jorge Antunes acaba de lançar o primeiro mini-CD do Brasil. A diferença entre o mini e o normal é que aquele tem a duração máxima de 21 minutos de gravação, enquanto o outro pode conter até 70 minutos de música. A vantagem do mini-CD está, principalmente, no custo menor. O mini-CD de Antunes, *Música Eletrônica 70's I*, é dedicado à divulgação da música eletroacústica. O maestro é um especialista em música experimental e de vanguarda. Os interessados podem solicitar o mini-CD à Sistrum, edições musicais, Caixa Postal 04580 CEP 70919-970, Brasília-DF, fone (061) 368-1794.

Zuléka

Peralta e sapeca, a formiga Zuléka, na pessoa da sua criadora, a servidora da CLDF, Margarette de Cássia e Souza, compareceu à Estante dos Escritores do DF. O evento - um projeto da Escola Parque da 308 Sul que visa à integração com a comunidade - reuniu, no final de outubro, mais de uma dezena de nomes consagrados na cidade. Entre as obras apresentadas, destacam-se os livros voltados para a alfabetização de crianças, da Coleção Vale Tudo/Ed. Casa das Antas, da escritora Erondina de Magalhães Gomes.

O Ministério da Cultura e o Instituto de Investigação Científica Tropical de Lisboa assinaram no final de 85 um acordo que permitirá a microfilmagem de 14 mil documentos históricos referentes a Minas Gerais, existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Portugal. A recuperação do acervo histórico mineiro faz parte de um projeto de resgate de documentos do período Brasil-Colônia, iniciado pelo ministério antes mesmo das comemorações dos 500 anos de Descobrimen- to da América.

Isolete & Nirvana

Isolete Pereira, arte-educadora e Nirvana Rios, artista plástica, vêm desenvolvendo há mais de seis anos um trabalho junto às crianças que moram no Lixão de Brasília, divulgando a arte e a cultura entre os menores carentes. Elas dirigem a Fundação Brasília de Artes e Humanidades (Fubrah), que trabalha com cerca de 300 crianças em diversas atividades, indo desde o pré-escolar, passando pelo atendimento nutricional e médico, até oficinas de artes manuais, artes plásticas e literatura infantil. O trabalho já teve reconhecimento internacional através do Unicef, órgão ligado à ONU, que atua na melhoria da qualidade de vida das crianças.

Saudade

A equipe do DF-Letras lamenta, com muito pesar, o falecimento do jornalista Luís Rocha, companheiro que colaborava na feitura da revista, ora ajudando na revisão dos textos, ora produzindo o DF-Leis. Luís Rocha deixou saudade e admiração em todos os seus amigos e colegas do DF-Letras. De onde ele estiver continuará nos orientando e torcendo pelo sucesso da nossa revista.

CARTAS

Ao mestre com carinho

Brasília, 14 de novembro de 1995
Exmo. Sr.
Nelson Pantoja
M.D. Coordenador de Editoração e
Produção Gráfica do DF-Letras.
Brasília.

Prezado Senhor,

Venho, por meio desta, à presença de V.Exa., para lhe informar que a carta de 28 de junho p. p. que o artigo "Polêmica - DF-Letras Muda e Provoca Discussões", de sua autoria, atribui à "lavra de quinze cabeças" foi redigido por mim apenas e é de minha total responsabilidade. Escrevi-a sozinho, na minha casa, para defender a continuidade cultural de uma publicação numa época marcada pela ausência de publicações culturais no Brasil.

Numa reunião de escritores, ocasionalmente li essa carta a alguns confrades, que concordaram com minhas idéias e espontaneamente se ofereceram para também assiná-la, o que achei natural.

Não pretendi atacar nem prejudicar qualquer pessoa. O que fiz foi defender uma causa, a que há muito tempo me devoto. Não sou nem nunca fui político, líder, chefe ou patrão. Nunca tive qualquer cargo em instituição oficial de cultura. Há trinta anos, vivo modesta, discretamente, em Brasília, apenas oferecendo a minha cooperação às atividades culturais. Não me considero melhor do que ninguém, mas acho que, mais de meio século de estudos e experiência literária, autorizam-me a dar um conselho amistoso.

Disse-me o articulista, com ironia, que vaticinei que "a crítica literária acabou". Não vaticinei: constatei. E não acabou mesmo? O último crítico, atuando no Brasil, é o veterano Wilson Martins, no Suplemento Literário do "Jornal do Brasil". Existem outras colunas de crítica, sistemáticas, na imprensa brasileira? Esse desconhecimento da crise cultural que afeta o país, da parte do Sr. Pantoja, faz-me pensar que talvez não seja do ramo, isto é, da profissão literária.

V. Exa. está feliz com os numerosos aplausos à popularização do DF-Letras. Tendo base política a publicação em referência, espera-se decerto, para ela, uma orientação populista. Tudo bem. Cada um tem o direito de escolher o seu público.

Peço desculpas pela minha proposta ingênua que não tencionava ocasionar tamanho choque e humor de gosto duvidoso.

Cordialmente,
Cassiano Nunes.

Nota da Redação

O mestre merece todo o nosso carinho.
(N. Pantoja)

Zuléka

Eu senti muito carinho pela "Zuléka, a formiga sapeca". A gente envelhece e volta a ser criança!... Continuem assim, cada vez mais cheios de amor e carinho para com o DF-Letras.

Lourdes Mello
Belo Horizonte-MG

Censuras

Sempre achei ridículo escrever à imprensa para opinar sobre algum assunto. Superei as minhas censuras ao receber o DF-LETRAS n.ºs 17 a 20/95. A qualidade gráfica e as importantes matérias publicadas deixaram-me cheio de orgulho por conviver, neste Parlamento Distrital, com profissionais talentosos e dedicados.

Sebastião Teixeira Gomes
Samambaia- DF

Sobrevivência

Espero, apenas, que a Câmara Legislativa do Distrito Federal continue viabilizando a publicação do DF-Letras, um dos poucos suplementos culturais que ainda sobrevivem. Parabéns pelo trabalho!

Edimilson Caminha
Brasília-DF

Emoção

Confesso-lhes minha emoção, ao receber o exemplar 15 (novo formato), maio/junho de 95, do DF-Letras. Muito obrigado. Minhas sinceras congratulações por mais este relevante serviço prestado ao Brasil!

A cultura é a vanguarda da educação!

Pery Rodrigues Silveira
Santa Maria-RS

Cora...

Parabenizo a Câmara Legislativa do Distrito Federal, na figura do seu Presidente, de todos os parlamentares e, sobretudo, de seu Vice-Presidente, Deputado José Edmar, além dos editores do Suplemento Cultural DF-Letras, pela belíssima publicação.

O DF-Letras vem-se consolidando como um dos mais importantes veículos culturais do Distrito Federal, trazendo debates, pontos de vista, poesias e contos produzidos no Distrito Federal.

A última edição traz na capa a nossa querida e saudosa Cora Coralina, e transcreve alguns dos seus poemas. Não poderia deixar de registrar a "Oração do Milho", que me emociona profundamente cada vez que eu a leio.

Tive o grande prazer de conhecer (a querida) Cora Coralina. Gostei tanto dela que levei minha mãe para conhecê-la, pois tinha certeza de que (ela) teria essa mesma sensação.

Lembro-me que, na nossa conversa, ela registrava, como exemplo de força divina da força da natureza, que o ser humano já dominava toda a composição química e física do elemento milho, mas não conseguia reproduzi-lo enquanto semente, e que aquilo era prova da força da natureza e da força divina.

Considero Cora Coralina um dos maiores e melhores exemplos da nossa cultura, especialmente da cultura goiana, e por isso a saúdo. O que nela mais me impressionava era sua lição de otimismo, de crença no futuro do homem e no da civilização. Dizia, numa mensagem de fim de ano veiculada na Rádio Nacional, que já procurei recuperar de todas as formas e não consegui - "que os tempos presentes são infinitamente melhores que os do passado e serão, certamente, infinitamente piores do que o futuro".

Isso demonstra a grandeza de quem acreditava num futuro melhor, construído pelos seres humanos. É esta a lição de vida: da simplicidade, do otimismo do ser humano e, principalmente, da mulher, pois Cora Coralina foi uma das que se revelaram em seu tempo, fazendo-nos permanecer fortes na luta por dias melhores.

Discurso do deputado
Rodrigo Rollemberg na sessão
ordinária de 1º/11/95

OS PODERES DOS POETAS

Diálogo entre poetas

Pensamento

Verde.
Verde-Castanho.
Castanho-Verde.
Verde.

De repente
veio a brisa.

Talvez fosse
mar.
Talvez alga
prendendo
alma-minha.

Palavras.
Imagens.
Olhos.
Olho.



Sou
sócio
da
saudade
de
saber
o
seu
sabor.

Adaglion Aires de Andrade.
In Plumas e Porradas, 1995

- Os poetas têm poderes infinitos:
podem tirar verdades de mentiras;
podem ouvir dos mortos choros, gritos;
podem laçar sacis e curupiras;

podem calar dos mares os bramidos;
podem tocar violões, pandeiros, liras;
podem achar tesouros escondidos;
podem cravar brilhantes e safiras.

_ Os poetas têm poderes com limites:
podem vencer gigantes invencíveis,
podem mudar frieza em apetites;

podem chorar de dores não sentidas,
podem fingir amores impossíveis,
mas não podem viver sem outras vidas.

Anibal Albuquerque

In catálogo da produção poética
impressa nos anos 90

TIGRE
(Borgeano)

O tigre antecedeu a manhã
Com o passo lento de quem
caminha sobre pedras
numa noite escura
a fera avançou muros,
percorreu labirintos,
sulcou a terra em
busca de sua presa.

Mas em seu caminho
só havia pedras, muros,
espelhos.
Espelhos, muros e pedras.
E foi durante a aurora
que o tigre viu-se nu
pela primeira vez.
A presa estava lá
a caminhar infinitamente
em sua direção.

O tigre da manhã antecedeu a alva
como o gesto de quem conhecera
a rosa magistral da vida
púrpura e mística
misteriosa e bela.

Maria Felix Fontenele

XII Salão Nacional de Artes Plásticas
Prêmio Brasília de Artes Plásticas - 1991

**"A Estrela Fugiu da Barriga!
Antes do Mundo
Morder sem Brilho"**

Prêmio aquisitivo - GDF
Rinaldo (PE)



Diversidade de assuntos retrata os anseios da população do DF

Você sabia que a Lei nº 194, na 1ª Legislatura, cria o transporte alternativo do DF e regulariza a situação dos "kombistas".
(Leia na página 2)

Criado para fazer a memória das leis vigentes no Distrito Federal e instruir o cidadão brasileiro para o exercício pleno da cidadania, o DF-Leis traz neste número seis leis promulgadas na 1ª Legislatura (1991/1994).

A diversidade dos assuntos discutidos e transformados em lei retrata as dificuldades, os anseios e as conquistas da população de Brasília.

Neste número, você vai saber que o transporte alternativo feito pelas kombis que atuam na cidade desde 1988, foi regulamentado já no primeiro ano de funcionamento da CLDF. Vai saber que o dia 13 de dezembro é histórico para a população da Agrovila São Sebastião, porque há quatro anos ela conquistava o direito sobre o chão onde erguem-se suas casas. Vai também descobrir que o horário de cultos nos templos religiosos está definido por lei.

Este encarte faz um resumo das leis. Para conhecê-las na íntegra, anote o seu número e consulte o Setor de Protocolo Legislativo da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Brasília controla a qualidade do sangue, através da Fundação Hemocentro de Brasília, criada pela Lei nº 206, na 1ª Legislatura.
(Leia na página 3)

Lei regularizou situação dos "kombistas"

A Lei nº 194, de 4 de dezembro de 1991, institui o transporte alternativo do Distrito Federal, um serviço explorado em caráter e permanente, sob o regime de concessão. É a tentativa de regularizar a situação dos chamados "kombistas", que atuam na cidade desde 1988.

A lei se originou do PL 164/91, de autoria do deputado Pe. Jonas, para quem o sistema convencional de transporte coletivo não dispõe de condições operacionais adequadas para atender ao público a que se destinam as kombis.

A permissão para o transporte alternativo é delegada pelo Poder Público por meio de licitação. A cada permissionário é permitido o registro de apenas um veículo, dotado de quatro portas, com lotação máxima para nove passageiros. Os veículos não podem ter idade superior a oito anos, contados a partir da data de fabricação.

ASSENTAMENTO I

Agrovila virou satélite

A população da Agrovila São Sebastião ganhou o direito de se fixar na terra, no dia 13 de dezembro de 1991. Foi a Lei nº 204, nascida do PL 036/91, de autoria do deputado Gilson Araújo.

A lei trouxe tranquilidade para os habitantes daquela comunidade, que já contava com os serviços públicos de luz elétrica, sistema de água de cisterna, postos de saúde, policiamento, correios, telefone público e um posto do Corpo de Bombeiros.

Motivada pela fixação, a população passou a fazer as melhorias necessárias ao seu desenvolvimento. A Agrovila São Sebastião nasceu em torno de pequenas olarias e foi por algum tempo pólo gerador de empregos.

Favela do Lixão assentará famílias carentes

A Lei nº 205, de 13 de dezembro de 1991, reserva área para assentar famílias de baixa renda às margens da Estrada Parque Ceilândia (Estrutural) e busca criar assentamento com características de uma cidade ecológica.

Nascida com o PL 057/91, de autoria do deputado José Edmar, a lei delimita a área situada entre a rodovia DF-057 e a Estrada Parque Ceilândia, a oeste do córrego Vicente Pires e a leste da DF-240.

Em seu art. 3º, a lei determina que, no plano de ocupação, o Governo do Distrito Federal considere o impacto ambiental, seguindo as normas da Secretaria do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (SEMATEC).

SAÚDE

Hemocentro preservará a saúde de doadores e receptores

A Lei nº 206, de 13 de dezembro de 1991, autorizou a criação da Fundação Hemocentro de Brasília e do Sistema de Sangue, Componentes e Hemoderivados (SSCH). Além de procurar preservar a saúde de doadores e receptores, a Fundação busca garantir e manter o suprimento necessário à cidade.

Originada com o PL 076/791, de autoria do deputado Claudio Monteiro, a Lei 206, ao criar o Sistema de Sangue, Componentes e Hemoderivados, dotou a cidade com modernos meios de coleta, processamento, armazenamento, obtenção e distribuição de sangue e seus componentes.

A lei prevê ainda que as instituições privadas e entidades filantrópicas participem de forma complementar do SSCH. Entre os princípios e diretrizes observados pela Fundação Hemocentro de Brasília, destacam-se a utilização exclusiva de doação voluntária e a proibição do comércio sobre o sangue, seus componentes e derivados.

Entrepasto da Ceasa em Ceilândia

A construção de um entreposto atacadista, para a comercialização de produtos hortigranjeiros na cidade-satélite de Ceilândia, foi autorizada pela Lei nº 207, de 18 de dezembro de 1991.

A idéia original está contida no PL 087/91, de autoria do deputado Aroldo Satake, para quem os comerciantes então estabelecidos no local ganharam a preferência como permissionários na exploração do entreposto.

O entreposto está incorporado às Centrais de Abastecimento do Distrito Federal (CEASA/DF), que definem a sua estrutura operacional e administrativa, bem como as suas atribuições e condições de funcionamento.

Para a execução, implantação e incorporação do entreposto atacadista, o Governo foi autorizado a recorrer ao Fundo do Desenvolvimento do Distrito Federal (FUNDEPE).

RELIGIÃO

Templos religiosos podem funcionar em residências

A Lei 209, de 18 de dezembro de 1991, autoriza a instalação de templos religiosos em áreas residenciais do Distrito Federal, à exceção do Plano Piloto, e disciplina o seu funcionamento.

Com origem no PL 098/91, do deputado Maurílio Silva, a lei estabelece que o funcionamento dos templos só será autorizado mediante o consentimento, expresso e devidamente averbado em cartório, dos vizinhos imediatos da quadra ou entrequadra em que estiverem localizados.

Ainda assim, os templos religiosos instalados em áreas residenciais não podem realizar seus cultos entre as 22 horas e 06 horas da manhã.

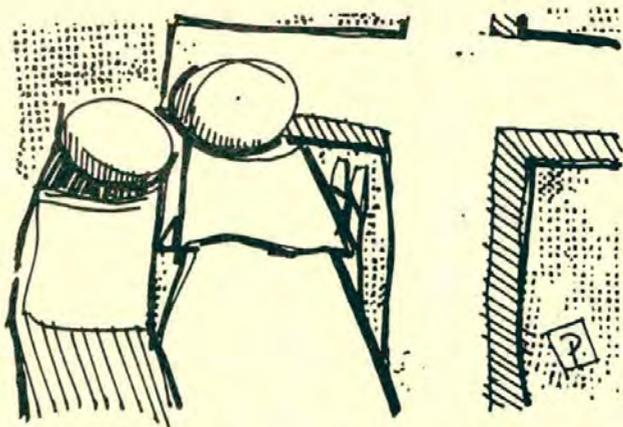
A reincidência na transgressão ao horário estabelecido pode suspender os alvarás de funcionamento. Para tanto, é suficiente a queixa formal dos moradores vizinhos.

Ordenar a ocupação do solo

Ao estabelecer normas gerais para o ordenamento territorial do Distrito Federal, a Lei nº 212, de 20 de dezembro de 1991, quis, preventivamente, fixar regras para ordenar a ocupação do solo, até que se elaborasse a Lei Orgânica e o Plano Diretor.

Na justificativa do PL 0156/91, seu autor, deputado José Ornellas, lembrava que que art. 182 da Constituição Federal definiu como instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana a figura do Plano Diretor, cujas diretrizes vieram a ser estabelecidas pela Lei Orgânica do Distrito Federal.

Além da preocupação com o meio ambiente, a lei estabelecia que o documento norteador da ocupação do solo compatibilizasse o desenvolvimento econômico com a proteção e recuperação do patrimônio cultural, histórico e artístico.



INDICE DAS LEIS

- Lei nº 194/91 - Transporte Alternativo
- Lei nº 204/91 - Agrovila São Sebastião
- Lei nº 205/91 - Assentamento na EPC
- Lei nº 206/91 - Fundação Hemocentro
- Lei nº 207/91 - Entrepasto de Hortigranjeiros
- Lei nº 209/91 - Templos Religiosos
- Lei nº 212/91 - Ordenamento territorial do DF
- Lei nº 214/91 - Apoio ao Aprendiz

FORMAÇÃO

Menor aprendiz chegará ao mercado de trabalho

A Lei nº 214, de 23 de dezembro de 1991, instituiu o Programa de Apoio ao Adolescente Aprendiz, que deve estar matriculado e frequentar o ensino regular fundamental e ter entre 14 e 18 anos de idade.

O PL 270/91, do deputado Salviano Guimarães, deu origem a esta lei, que visa facilitar o ingresso do jovem aprendiz no mercado de trabalho, garantindo-lhe o desenvolvimento pessoal e social.

Participam do programa as empresas particulares e os órgãos públicos, inclusive os da administração direta. Esses estão obrigados a contratar um percentual mínimo de dois por cento e máximo de dez por cento de seus quadros de pessoal.

Todos os direitos trabalhistas e previdenciários são assegurados ao adolescente aprendiz.



Câmara Legislativa do Distrito Federal

MESA DIRETORA

Presidente Geraldo Magela - PT	Vice-Presidente José Edmar - PSDB	1º Secretário Manoel de Andrade - PMDB	2º Secretário Edimar Pireneus - PMDB	3º Secretário Peniel Pacheco - Sem Partido
Suplentes da Mesa: Cláudio Monteiro - PPS		Daniel Marques - PMDB		

I - COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

Presidente
Luiz Estevão - PMDB

Vice-Presidente
João de Deus - PDT

Deputados titulares
Benício Tavares - PMDB
Cláudio Monteiro - PPS
João de Deus - PDT
Luiz Estevão - PMDB
Marco Lima - PT
Maria José (Maninha) - PT
Renato Rainha - PL

Deputados suplentes
Adão Xavier - PFL
Antonio José (Cafu) - PT
Edimar Pireneus - PMDB
Lúcia Carvalho - PT
Manoel de Andrade - PMDB
Odilon Aires - PMDB
Rodrigo Rollemberg - PSB

II - COMISSÃO DE ECONOMIA, ORÇAMENTO E FINANÇAS

Presidente
Zé Ramalho - PDT

Vice-Presidente
Adão Xavier - PFL

Deputados titulares
Adão Xavier - PFL
Daniel Marques - PMDB
Lúcia Carvalho - PT
Odilon Aires - PMDB
Rodrigo Rollemberg - PSB
Tadeu Filippelli - PMDB
Zé Ramalho - PDT

Deputados suplentes
Benício Tavares - PMDB
João de Deus - PDT
Jorge Cauhy - PMDB
Luiz Estevão - PMDB
Miquéias Paz - PC do B
Marcos Arruda - PSDB
Maria José (Maninha) - PT

III - COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS

Presidente
Jorge Cauhy - PMDB

Vice-Presidente
Manoel de Andrade - PMDB

Deputados titulares
Antonio José (Cafu) - PT
Edimar Pireneus - PMDB
Jorge Cauhy - PMDB
Marcos Arruda - PSDB
Manoel de Andrade - PMDB
Miquéias Paz - PC do B
Peniel Pacheco - Sem Partido

Deputados suplentes
César Lacerda - PTB
Cláudio Monteiro - PPS
Daniel Marques - PMDB
Marco Lima - PT
Tadeu Filippelli - PMDB
Zé Ramalho - PDT

IV - COMISSÃO DE DEFESA DOS DIRETOS HUMANOS E DA CIDADANIA

Presidente
Marco Lima - PT

Vice-Presidente
César Lacerda - PTB

Deputados titulares
César Lacerda - PTB
Lúcia Carvalho - PT
Luiz Estevão - PMDB
Marco Lima - PT
Miquéias Paz - PC do B
Tadeu Filippelli - PMDB
Zé Ramalho - PDT

Deputados suplentes
Antonio José (Cafu) - PT
Edimar Pireneus - PMDB
João de Deus - PDT
Jorge Cauhy - PMDB
Maria José (Maninha) - PT
Renato Rainha - PL
Rodrigo Rollemberg - PSB

Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica

DF-Leis - Encarte do Suplemento Cultural DF-Letras, editado sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica da Vice-Presidência. Coordenador de Editoração e Produção Gráfica: Nelson Pantoja (Reg. Prof. 916/06/01-MTb-DF); Editora Executiva: Luis Rocha (Reg. Prof. 1433/08/57-MTb-DF)(in memoriam) Diagramação: Marcos La-

bus, ilustrações: Marcello Perrone; Arte-final: J. Antonio de Brito; Revisão: Anamaria Silva Pinheiro e Vânia Codeço Veloso; Composição: Setor de Editoração da CLDF. Redação: 348 8412 - 348 8963 Câmara Legislativa do Distrito Federal - SAJN - Parque Rural Norte 70.086 900 - Brasília-DF



Câmara Legislativa do Distrito Federal

VICE-PRESIDÊNCIA

Coordenadoria de Editoração
e Produção Gráfica

DF - LETRAS
A REVISTA LITERÁRIA DE BRASÍLIA

PEÇA O SEU EXEMPLAR

